O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 31 DE AGOSTO DE 1895 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:498

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Divagando.—A supressão dos concelhos.—Manifestações expontaneas.—A emigração e o governo.—Que pateta!—O que se passa na Batalha.—Na Africa.—Um escandalo governamental.—A cidade sem guarnição!—Coincidencia: data commemorativa.—Um parocho modelo.—Decreto.—Carta de Lisboa.—Corrupção ou ameaça.—Os comicios de domingo.—Revolução liberal.—A matança dos huguenotes.—Noticias diversas.—Pelo estrangeiro.—Folhetim: Magdalena.—Secção scientifica.—Secção agricola.—Parte litteraria.—Variedades.—Noticiario.—Carta da Batalha.

AVEIRO

Divagando

Muito de accordo com as idéas expostas no artigo editorial, ultimamente publicado n'esta folha. Tambem applaudimos a determinação d'el-rei pelo que respeita a eleições, com tanto que préviamente demitta os famosos dictadores. E, verificar-se-ha essa condição para que se restabeleçam as garantias de ordem e independencia necessarias, para que a opposição possa entrar na campanha electiva? Não o acreditamos. Crêmos até, que dentro em pouco terminará a guerra civil do pensamento.

Corre como certo—diz a *Gazeta da Figueira*—que o governo vae dotar a imprensa com mais uma *rolha* supplementar, reformando a lei que a rege, e tornando-a ainda mais coercitiva, do que a que actualmente existe, e que é uma *obra prima* no genero mordaça.

Se assim é, teremos mais um crime de lesa-sociedade legalisado, na phrase de H. Thierceldes, distinctissimo advogado na côrte de Cassação.

Sendo assim, o jornal não passa d'um instrumento politico, d'um orgão privilegiado, d'um monopolio concedido pelo estado, quando elle deve ser o *forum*, aonde cada um tenha o direito de expôr as suas idéas, e de fazer ouvir as suas queixas e reclamações.

Em Inglaterra as leis não reprimem a liberdade do pensamento; não é o periodico um poder politico. O *Times* não faz nem desfaz ministerios. A imprensa é como que um quarto poder do estado, é a voz da opinião que um governo tem sempre necessidade de ouvir; é a policia mais bem organisada; é a educação universal e gratuita; é, emfim, a garantia insubstituivel de todos os direitos. Do mesmo modo nos Estados-Unidos.

Seria facil demonstrar pela historia, que uma imprensa livre é uma força para o Estado, emquanto que uma imprensa administrada o compromette, porque illude o governo, e não illude o publico.

Quando concordaremos nós, em que a verdade é para a intelligencia, o que a liberdade é para a actividade humana.

Tudo o que comprime, enerva; tudo o que enfraquece o cidadão, não póde fortificar o Estado.

E tão enfraquecidos estamos nós já, que, francamente, pela nossa parte descremos da rehabilitação pelo actual regimen. Quer-nos parecer, que, tão affastados estamos já do interesse publico por uma centralisação perniciosa e desmoralisadora, é tal por esta causa tambem a indifferença pelos direitos politicos; é tão nulla a interferencia da opinião publica na administração, que carecerão de força todos os que tiverem boa vontade de executar planos reformadores com a necessaria energia. Assim desalentados, não duvidamos perfilhar as proprias palavras d'um abalisado jornalista:

«A sociedade moderna, occupada no seu trabalho livre, na sua actividade economica, defende a propriedade, os contractos, as transmissões, como partes componentes da sua existencia, mas abandona ao poder monarchico os seus direitos politicos, consentindo que parlamentos de automatos legalisem, como vontade nacional, os maiores absurdos e iniquidades dos governos.»

Com todos os males, o menor; antes isso, do que o vermos á frente dos destinos da nação uns homens, que, descartando-se do parlamento, decretam em plena liberdade tudo quanto interesse faccionario lhe vae dictando. Antes isso, do que vivermos n'um paiz sem constituição, aonde a perfidia politica vae entertendo isso que ahi está, de modo que o governo pessoal se torne cada vez mais evidente e audacioso. Antes isso: não haverá remedios que curem, mas poderão haver palliativos, que entertenham.

ELYSIO FREIRE D'A. PESSOA.

A supressão dos concelhos

Gritam os porta-voz do governo que a supressão de concelhos e comarcas obedece unicamente a uma remodelação precisa da divisão administrativa e judicial, sem o menor intuito politico, atribuido á opposição um faccionismo que não tem, porque protesta contra a côde de vinganças que vae nas regiões do poder, desde que alli entraram os homens que nos governam.

A prova provada de que tentam assim illudir, mais uma vez sobre tantas, os que os lêem, está na logica dos factos, que é incontestavel, mas são os proprios amigos e defensores da chapella ministerial quem o affirma.

Eis, sobre o caso, o que nos diz a folha regeneradora *O Moncorvense*, que é, como se vê, insuspeitissima:

«Moncorvo tinha direito a ser contemplado, *porque, sempre regenerador*, o chefe de districto teve isto em consideração; é necessario pois dizel-o bem alto, para que não possa haver a este respeito illusões.

.....

Se o nosso concelho não fosse regenerador, não seria contemplado, como foi. E' bem que o povo saiba isto e nós o demonstremos a seu tempo.»

Querem-n'o mais claro, mais positivo, mais terminante? Contra factos não ha argumentos. O paiz já sabia quanto ha de torpe e baixo na acção miseravel do governo. A affirmação preciosa dos seus proprios amigos, é d'um valor enorme, comquanto não fosse necessaria. Ponha o paiz os olhos n'isto. E a opposição é que é facciosa e menos verdadeira quando accusa o governo de despota, de atrabiliario e de immoral!

Manifestações expontaneas

Os ministros veraneiam, folgam, passeiam, em fim divertem-se. A vida está para elles, que bem a comprehendem como ella deve ser comprehendida. Tractam da saude e dos proprios interesses. Dos do paiz, que tracte quem quizer.

Assim, os amigos de varias localidades por onde passam, prevenidos de que é preciso recebel-os por ahi com musica e foguetes, para que teem á sua inteira disposição o cofre das graças, fazem-lhes as mais «expontaneas manifestações.»

Aqui, á passagem do sr. Campos Henriques, foi o que já dissémos.

Á Associação Commercial, auctoridades e alguns empregados publicos, foram cumprimentar sua ex.ª, a convite d'aquella corporação, que julgou dever agradecer-lhe a satisfação de pequenos empenhos.

Em Ovar, diziam as tubas governamentaes, até houve «delirio». E vae o *Ovarense*, que é um jornal sério e escrupulosamente informado, desmente as affirmações «delirantes» e escreve no seu n.º ultimo:

«Hoje, á passagem para o Porto do sr. ministro das obras publicas, foram com foguetes e musica á estação do caminho de ferro os neo-aralistas. Dos velhos aralistas ninguem, incluindo o proprio chefe e os influentes que o acompanham.

Não é preciso dizer que a manifestação se reduziu a meia duzia de pessoas; e não era bem ao ministro que se dirigia.

Aproveitava-se a occasião da sua passagem para espalhafato nas ruas e mais nada.»

E aqui tem o paiz como as folhas do governo o informam até n'estas pequenas coisas. Os ministros que assassinaram a liberdade e enlamearam o nome portuguez a serem recebidos com *enthusiasmo* ou *delirio* pelo mesmo paiz, tinha sua graça.

A emigração e o governo

O actual governo, com suas medidas austeras, e revestido de cruel dispotismo, aponta dia a dia ao povo, a sinistra vereda que conduz á emigração.

Mas, portuguezes! a emigração perante a patria moribunda, é um crime. E quem será o criminoso? Será aquelle que em manhãs d'inverno, andrajoso e frio, sobe os degraus da miseria, procurando o necessario alimento para seus filhos, emergidos ainda na infancia, essa quadra da vida tão doce e tenra, para a qual todo o disvelo é pouco, pois bem perto mora o esquife? Sim: será este um criminoso por abandonar a patria, muitas vezes, quem sabe, se para não ver morrer junto ao peito os seus desgraçados filhos, boccados queridos do seu coração dolente? Não. E d'estes infelizes dirão talvez os governantes, ao vel-os partir: são inuteis, que se vão; desgraçados que desapparecem; sem se lembrarem, talvez, que o desgraçado tambem ama a patria, e n'ella deixa a familia!

Perguntae ao ancião se quer morrer, pois da vida não disfructa senão a velhice, essa quadra tristonha, alimentada só por lembranças do passado! E elle vos dirá que não. Assim perguntae tambem ao desgraçado se quer abandonar a patria, deixar os logares que primeiro lhe viram o sorrir da infancia, pois que n'elles só bebe agruras! E elle vos dirá tambem que não. E que será tudo isto?

E' que a patria é para o desgraçado o que a vida é para o ancião.

Será tambem um criminoso perante a mãe patria, o pobre camponez que emigra em vista dos haveres que constituem o seu patrimonio e onde gasta todo o vigor dos seus braços de nada lhe utilisarem, pois tem que pagar os pesados impostos, com que o governo o avassalla? Sim, será este um criminoso? Não. E até, em circumstancias taes, tem tres soluções a dar á vida. Encerrar-se em seu lar, beijar esposa e filhos, bafejando-os assim com o ultimo adeus, para em seguida ir buscar linitivo ao seu viver tão acre, nos canos d'uma pistola; sendo este acto tão heroico, um punhal de vergonha, ao qual a sociedade deverá uma satisfação. Tem mais a vereda do crime, roubando para seu alimento e dos filhos, até que das grades d'uma prisão amaldiçoe a mal orientada sociedade. E ainda não lhe acabam aqui as soluções a dar á vida; tem mais o caminho da emigração, essa senda escura, maligna e descuidosamente traçada pela jacobina mão dos governantes.

Quem lançar attenciosa vista por sobre a esphera social, observará um sem numero de scenas commoventes, que sem treguas se repetem: maridos abraçando esposas, paes beijando os filhos,... e d'estes lances tão tristes, que produzem o esphacelamento dos lares, são os governantes os culpados, pois não protegem o operario, nem lhe respeitam o suor. E lá vão constantemente innumeras levas de desgraçados, quasi sempre inconscientes do motivo do seu mal, entregar a vida, primeiro aos elementos que se debatem irados contra as vergas callejadas do navio aventureiro, que os levam a praias para elles ignotas. E se uma boa estrella os salva d'este primeiro lance, eil-os então ancorados em longiquas terras, onde, regra geral, nostalgicos abutres lhe roem a existencia.

E quem será o criminoso? E' o sanguinolento governo.

Ora a nação portugueza, em cuja balança os aggregados sociaes já mal se equilibram, não tendo um fiel seguro vacilará; a sua duração será ephemera, e abrir-se-ha a sepultura, que em breve ha-de engulir, as quinas da sua independencia.

Salreu.

JOSÉ LUCIANO DE C. P. CÔRTE REAL.

Que pateta!

«São manifestos os ciumes que o sr. Dias Ferreira está causando nos arraiaes progressistas. Elle concorre a urna? Descompostura! Elle, em Luso, vai jogar o seu *whist* nos *chalets* dos srs. Emygdio Navarro e Barbosa Colen? *Idem*.»

Os leitores conhecem já a proveniencia do disparate. Não podia ser outra, a paternidade do paradoxo.

Rapozas consulta a musa, e a inspiração é completa. Deu em cheio. Superior a isto só conhecemos o *Rei da madureza*.

.....

sr. Dias Ferreira, é unico!

Mas muito melhor ainda é aquella segunda parte, pelo pezo que teem na politica portugueza aquellas duas personalidades.

Perdeu o *Illustrado* mais uma bella occasião de estar calado. E' isto a imprensa regeneradora.

O QUE SE PASSA NA BATALHA

Chamando a attenção dos nossos leitores para o que se passa na Batalha e que vae descripto na correspondencia d'alli que publicamos em outro logar, cumprimos apenas dever d'officio e de lealdade politica.

Os nossos amigos estão alli á mercê do cacete homicida dos adversarios, que chegam ao extremo de, em pleno dia, entrarem porta dentro de cidadãos pacificos espancando-os e ferindo-os gravemente. E a senha não alcança só os homens, vae até ás senhoras que em pleno exercicio de funcções, desempenham deveres sacratissimos de magisterio. O concelho da Batalha está positivamente fóra da lei. A auctoridade alli é, póde dizer-se, a iniciadora de toda a acção que tem por fim o crime, e isto não póde ser.

Pedir providencias ao governo ou ao chefe do districto é inutil, porque ha muito teem conhecimento do estado em que a Batalha se acha, e não procedem de fórma a evitar o mal, antes parecem dispostos a aggraval-o, contemporisando com os desordeiros. Dever é nosso, porém, chamar para esses factos a attenção publica que, por seu lado, não deixará de fulminar os auctores de tantos desacatos.

Na Africa

Tudo corre ao Deus dará, n'estes bemditos tempos que atravessamos. No continente, o governo arvora-se em dictador, espesinha a liberdade e estabelece a desordem em todos os campos. No ultramar, manda suspender as garantias individuaes, e se o povo se queixa deporta-o ou manda-lhe escalar a propriedade e attentar até contra a vida! Positivamente, este é o reinado do mais atroz despotismo que se ha visto. Nem sequer ha já para quem appellar! E, todavia, é necessario que este estado de coisas termine. E' preciso, é forçoso mesmo que de vez se ponha um travão á roda dos desatinos.

De S. Thomé escrevem-nos o que vae lêr-se, em carta particular, da qual o seu esclarecido auctor decerto nos permittirá que transcrevamos esta pequena parte:

O actual ministro da marinha e o actual governador Jardim, mancumanaram-se para despovoar esta terra, digna de melhor sorte para os seus naturaes, porque os anteriores ministros e anteriores governadores já amoiinaram isto. Se a mão de Deus não sustem estes vandalos, ai de nós!

No dia 11 e 28 de julho d'este anno, o governador deportou sem formalidade em numero de 30 naturaes d'este paiz, sendo a maioria dos exportados operarios, os restantes filhos de familia e lavradores; os vadios, que é o thema d'este despotismo, medram e privam a maioria d'elles com o governador da provincia, e sugam, por maior desgraça, os rendimentos publicos; portanto os vadios perniciosos são aquelles a quem o governo paga e que nada fazem: mas aos naturaes tiram-lhe a roça, o socego, o bem estar, a vida que o auctor Divino nos legou; tudo nos tiram. E' uma desgraça, isto.

UM ESCANDALO GOVERNAMENTAL

Sobre a transferencia do digno delegado de Ponte do Lima, o nosso esclarecido collega de Vianna escreve no seu ultimo n.º o seguinte:

«O sr. dr. João Xavier de Moraes Cabral, digno delegado do procurador regio ultimamente transferido da camarca de Ponte do Lima, transferencia arbitraria a que nos referimos no numero anterior, chegou hoje a esta cidade, sendo acompanhado por uma numerosa commissão de cavalheiros d'aquella localidade, que quizeram dar-lhe uma prova da alta estima e consideração em que o tinham como funccionario e como cavalheiro estimabilissimo. Essa commissão compunha-se dos srs: Dr. Lisboa, abbade de S. João da Ribeira, padre Luiz Golçalves Pereira, abbade do Queijada; Alipio Maya, dr. Candido da Cruz, dr. Saraiva, Alfredo Lisboa, dr. Silva, José Sotto Mayor, Amandio Lisboa, padre José Rocha, padre João de Mello, João Maria Manso, Benjamin Lisboa, padre Antonio Mulheiro, Pedro de Mattos, Antonio de Padua, padre Antonio Pereira de Lima e padre João de Araujo Lima. Estes cavalheiros installaram-se no Hotel Central, onde offereceram ao sr. dr. Moraes Cabral um copo d'agua. Fizeram-se varios brindes, sendo o sr. dr. Cabral alvo d'uma imponente manifestação.»

A cidade sem guarnição!

Bem dissémos nós n'outro dia, que a cidade, em consequencia dos phantasmagoricos exercicios militares na Beira, ia ficar completamente desguarnecida de tropa, pois já ante-hontem retirou a guarda da cadeia por os poucos soldados de cavallaria que havia no quartel terem partido para alli!

Em quanto á policia civil, tambem muito diminuida pela permanencia de guardas em diversos concelhos do districto, foi ainda mais reduzida ante-hontem com a sahida d'uma consideravel força para Ovar, para guardar as costas do administrador, que elle não julga muito seguras. Porquê?...

Providencias pedimol-as já, mas parece que é clamar no deserto, porque o sr. governador civil, que tem a melhor boa vontade [illegible] é justo, não tem fabrica de fazer policias. Mas nós havemos de estar aqui ao Deus dará, sem tropa nem policia, na capital d'um districto tão importante? Não póde ser, e por isso pedimos, a quem compete, a permanencia aqui d'uma qualquer força militar.

UM PAROCHO MODELO

O finado escriptor Camillo Caslello Branco, disse algures que a moral dos pastores d'almas fugiu desde que elles pegaram de pastar nos corpos das ovelhas, e se geralmente não é verdadeira a sentença do chorado mestre, algumas vezes é infelizmente justificada pelo procedimento de alguns clerigos, que, esquecendo os exemplos e conselhos do divino Mestre, procuram apenas fazer render o officio.

Ao conhecimento do sr. Bispo Conde levâmos os factos succedidos na freguezia de S. Lourenço do Bairro, do concelho d'Anadia, e esperâmos que s. ex.ª rev.ma advirtirá o parocho e o obrigará ao cumprimento dos seus deveres, que elle infelizmente tão amiudadas vezes olvida.

E' costume antiquissimo serem os parochianos fallecidos acompanhados pelo seu parocho até á ultima morada, e mesmo o actual cumpriu este piedoso dever até ha pouco, mas ultimamente, desejoso de augmentar os rendimentos do seu *modo de vida*, exige que lhe paguem 1:000 réis por este trabalho logo que o fallecido seja acompanhado por outro padre. Esta exigencia não representaria uma extorsão se não houvesse na freguezia uma irmandade, a qual conta muitos confrades, que obriga o seu capellão a acompanhar os fallecidos.

No dia 26 falleceu no logar de Paredes um confrade da referida Irmandade, e o parocho declarou que só o acompanharia se lhe déssem 1$000 réis, e como a familia recusasse pediu ao capellao, que é obrigado a assistir, como dissémos, que fizesse as suas vezes e não appareceu como confrade que é por isso obrigado ao acompanhamento, nem mandou o coadjutor cumprir os seus deveres como parocho.

Este parocho que durante onze annos não fez o registo parochial, pelo que esteve suspenso do exercicio de todas as ordens, que por irregularidades no mesmo registo foi condemnado pelo meritissimo juiz de direito, que se nega a sahir de noite com o Sagrado (o qual vive a 6 kilometros), que apenas fomenta a desordem na freguezia, parece contar com a impunidade, por que diz aos seus parochianos, que sabe muito bem quaes são os seus deveres e direitos, e por isso que se queixem ao sr. Bispo Conde.

Não acreditamos que s. ex.ª rev.ma louve tal procedimento, e por isso aqui traduzimos as queixas de uma freguezia importante.

DECRETO

O decreto, que foi á ultima assignatura, permittindo a livre circulação de plantas e isentando de pagamento de emolumentos os certificados de livre transito, é concebido nos seguintes termos, conforme o *Diario* o publicará:

«Attendendo a que hoje se acha a phyloxera disseminada por quasi todo o paiz, não sendo por isso necessario manter em prática algumas providencias de rigor que tinham justa razão de ser quando urgia impedir o alastramento d'aquella doença;

Considerando que, embora muito reduzido o numero de concelhos ainda indemnes á phyloxera, se torna para elles necessario o cumprimento rigoroso da legislação vigente, na parte que visa a defender os da invasão d'aquella phytonose;

Considerando a vantagem de tornar gratuitos todos os documentos que hajam de passar-se para a livre circulação de plantas, tornando extensivo aos agronomos officiaes para maior facilidade de serviço, a faculdade de passarem estes documentos;

Hei por bem, ouvido o conselho superior de agricultura, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' completamente livre a expedição de plantas, seus orgãos e fragmentos, quando se faça directamente para qualquer estação de caminho de ferro situado em territorio phyloxerado.

Art. 2.º Para com as localidades ainda indemnes, continuarão a cumprir-se rigorosamente as respectivas disposições legaes, que têem por fim impedir ou difficultar a invasão phyloxerica.

§ unico. Em todas as estações de caminho de ferro e nas alfandegas por onde é permittida a importação de plantas, haverá uma tabella dos concelhos phyloxerados, bem como as instrucções da convenção internacional de Berne, applicaveis á circulação de plantas.

Art. 3.º Os attestados para o transporte de plantas aos quaes se refere o decreto n.º 2 de 9 de dezembro de 1886 serão sempre gratuitos e poderão tambem ser passados pelos agronomos officiaes.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

CARTA DE LISBOA

30 DE AGOSTO DE 1895.

Lavra agora profunda desordem no campo regenerador. Exercito sem soldados, sem disciplina, e sem commando, a anarchia alistou-se tambem nas fileiras e acampou nos arraiaes desguarnecidos. Foi a ambição do mando que os desorientou.

O facto, grave para o ministerio, da ida do sr. Julio de Vilhena ao Paço, levou o desengano e agravou os despeitos no seio do governo.

Foi ferido em pleno peito, o sr. ministro do reino. Uma bala que alli tivesse explodido, não produziria tão profunda impressão.

Bem lhes disse eu, meus amigos, que o rei chegára, emfim, a conhecel-o. Estão fartos, cançadissimos uns dos outros: o rei dos seus ministros e os ministros do seu rei. Não ha que ver.

Romperam-se entre ambos os poderes as hostilidades que os separam já. A crise, em que tanto se tem fallado, manifesta-se por isso, accentua-se cada vez mais, e dentro de poucos dias talvez, teremos finalmente satisfeito o desejo da opinião, que é a quéda d'este malaventurado governo de desorientados e de perdidos.

Affirmo-lh'o por o saber de boa fonte e v. v. verão em breves dias realisada esta asserção.

— Reuniu ante-hontem o Supremo Tribunal Administrativo, dando provimento, por unanimidade, ao recurso interposto pelo sr. dr. Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, annulando a eleição da mesa da confraria do Bom Jesus do Monte, de Braga, e mandando proceder a nova eleição. Em vista d'esta decisão do Supremo Tribunal Administrativo, ficam nullos todos os actos praticados pela mesa illegalmente eleita, todas as burlas e verdadeiros attentados politicos do governador civil, devendo tomar novamente posse os antigos mesarios da confraria do Bom Jesus do Monte, até que legalmente sejam substituidos. O processo de recurso foi habilmente sustentado pelo distincto advogado, sr. dr. Barbosa de Magalhães, o brilhante parlamentar que é no foro uma verdadeira gloria nacional.

Sabem a importancia politica d'este recurso, que é mais uma punhalada, vibrada por mão de mestre no governo e nos seus amigos de Braga. Foi por consulto que advogasse a causa, que brilhantemente defendeu. Felicito-o, e congratulo-me com os nossos correligionarios d'alli.

— O ministerio da marinha recebeu do commando geral de artilheria, material de guerra na importancia de noventa e tantos contos de réis. O material foi para varias colonias e o ministerio da marinha transferiu para o da guerra a sua importancia. O commando geral de artilheria recebeu apenas quarenta, dos noventa contos fornecidos ficando em debito a enorme quantia de cincoenta contos, que faz muita falta para a compra de metaes e laboração de officinas. O caso tem sido alvo dos maiores commentarios, dizendo-se que o sr. Pimentel Pinto se recusa a entregar aquelle dinheiro ao arsenal do exercito, pois quer empregal-o em manobras e outras fantochadas. Mais um escandalo.

— Acha-se já preso o auctor do fogo nos paços municipaes do Cadaval. E' o recebedor proposto Avelino Rodrigues Paula Santos. Deixava este todos os dias os fundos da recebedoria em casa do commerciante Anselmo Carneiro da Silva. Na noite do incendio, porém, segundo declarou, desarranjos na repartição. Nos escombros appareceram as caixas onde elle guardava os valores, mas não se encontraram vestigios d'estes. Logo que se effectuou a captura, os agentes da judiciaria Santos e Amorim, o amanuense da administração Salvador, e o chefe da companhia dos bombeiros municipaes Luiz Francisco Gravata e o 1.º patrão n.º 267, foram a casa de Paula Santos, no Carvalhal, passar uma busca. Não foi infructifera esta diligencia, pois que encontraram alli 1:180$695 réis em dinheiro, sellos de franquia, bilhetes postaes, estampilhas forenses e de decima de juros, papel sellado, procurações e lettras, tudo n'um valor approximado a 2:000$000 réis. As provas parecem evidentes e esmagadoras. Emquanto se procedia a esta busca, Paula Santos era minuciosamente interrogado pelo administrador, negando sempre terminantemente que fosse o auctor do fogo. A' vista porém das provas irrefragaveis, confessou o crime, declarando que incendiára uma porção de petroleo e que o roubo fôra o mobil do crime. Foi em seguida recolhido á cadeia e posto em liberdade um creado do criminoso, que com este fôra tambem capturado. Paula Santos conta 26 annos, é casado e tem 6 filhos menores. E' natural do Carvalhal, concelho de Obidos, onde residia.

— Os guardas fiscaes foram a casa de um commissario da marinha de guerra que ha tempos fôra multado em 1:000$000 reis por trazer seda e louça, parecendo descaminho aos direitos, findando assim o processo. Apesar do commissario provar que o que tinha em casa estava livre, os guardas apprehenderam uma porção de sêda que levaram para a Alfandega, onde ficou logo verificado que o arresto recahira sobre a mesma mercadoria já multada e paga. O tribunal vae julgar improcedente tal arresto.

— Sobre os graves acontecimentos da alfandega de Loanda, chega-nos aqui o seguinte telegramma:

Loanda, 29, ás 5 h. da t.—Sendo grave o que se está passando n'esta alfandega, acabo de enviar o seguinte telegramma ao sr. ministro da marinha: «Reclamo providencias urgentes contra as violencias praticadas na alfandega de Loanda, onde se impedem despachos, sem motivo legitimo e com prejuizo do commercio».

Isto é grave, como se vê, mas hão de ver que o governo não se dignará providenciar.

— O sr. presidente do conselho conferenciou hoje com os srs. ministros da marinha e procurador geral da corôa.

— Foram authorisadas as obras na capitania do porto d'Aveiro.

— Houve hoje sessão da junta de saude no ministerio do reino, dando o parecer de que não podia declarar-se limpo o porto de Macau, apezar d'alli não haver já peste bubonica por estar esta cidade muito em contacto com a de Hong-Kong e a provincia de Cantão, aonde continuam occorrendo muitos casos d'aquella doença.

— Diz-se que o governo quer suprimir o concelho da Maia, no districto e immediações do Porto, annexando algumas freguezias ao de Bouças (compensação por passarem Ramalde e Nevogilde para o Porto) e a de Aguas Santas ao Porto.

— Por despacho de hoje passou a desempenhar o horario do serviço permanente a estação telegrapho postal do Cadaval, isto em consequencia da affluencia de serviço motivada pelas diligencias relativas ao ultimo incendio dos paços municipaes d'aquello concelho.

— A estação de Villa Viçosa passou a fazer serviço limitado.

— Cessou a alteração no horario balnear da estação do Gerez.

— E' espantoso o custo dos generos em Lourenço Marques. Sobre o assumpto um collega d'aqui escreve:

«A carestia chegou a tal ponto em Lourenço Marques, que não admira nada; porque desde que o ministerio da marinha patrioticamente deu cabo da Mala Real, os paquetes quando chegam a Lisboa já não têm preços para os generos que da metropole costumavam ser enviados para a Africa Oriental. Em summa, se as coisas caminharem no mesmo pé, dentro em pouco não será possivel viver em Lourenço Marques com os preços exhorbitantes a que teem chegado todos os generos indispensaveis á vida.»

— Telegrammas do Rio de Janeiro, dizem que foi encontrado em uma gruta o cadaver de Saldanha da Gama. Apresenta profundas feridas na cabeça, lançaços no corpo, o pescoço atravessado por adaga, faltando-lhe uma orelha. O cadaver foi conduzido para Rivera, onde as casas fecharam, sendo postas bandeiras em funeral. De alli será transportado para Montevideu, onde serão feitas exequias solemnes.

— O governo indeferiu o pedido do reitor da universidade de Coimbra para que o juramento dos lentes se realizasse no dia 16 de outubro, dia que fora destinado á abertura solemne dos cursos.

— O sr. commissario regio na provincia de Moçambique supprimiu a Imprensa Nacional no districto de Lourenço Marques auctorisando o governador a vender o material e a arrendar as officinas onde se achava instalada. E' um caso grave, que não pode deixar de levantar sérios reparos.

— O governo francez cedeu ao governo portuguez, para experiencias, uma machina velocipedica. Vai ser experimentada na escola prática de infanteria de Mafra.

— Nada informa o governo sobre o que se passa na Africa oriental, onde á data das ultimas noticias estava *cercado* o Gungunhana e ameaçado com a imposição de um *ultimatum*. Esta falta de informações está causando os mais dolorosos receios e inquietações no espirito publico.

— Realisou-se hontem o concurso para amanuenses da direcção geral do ultramar. Foram quatro os concorrentes.

— O sr. ministro da marinha, mandou que lhe fosse enviada nota dos navios que se acham em concerto.

— Foram dadas as convenientes ordens para que o cidadão hespanhol José Banal, detido a bordo do transporte *India*, seja entregue ao respectivo consul, por este o haver requisitado. José Banal será posto fóra do reino.

— Effectuaram-se os seguintes despachos ecclesiasticos:

Presbytero José Rodrigues Monteiro, apresentado na egreja parochial de S. Braz do Campanario, no concelho de Camara de Lisboa, diocese do Funchal.

Presbytero Roque Caetano Rodrigues, apresentado na egreja parochial de Santa Cruz, diocese do Funchal.

Declarado sem effeito o decreto que apresentou o presbytero Francisco Manuel Alves, parocho collado na egreja de Nossa Senhora da Expectação de Manos, diocese de Bragança, na egreja parochial de Santo Estevão de Fresulfe, no concelho de Vinhaes, da mesma diocese.

Y.

Corrupção ou ameaça

O artigo que em seguida publicamos, é do nosso collega *Commercio de Portugal*, de 28 do corrente:

Esperavam se hontem na folha official novos decretos, alterando a circumscripção concelhia e comarcã de mais alguns districtos—de oito, ouvimos fallar—mas o boato não se confirmou, pois nada appareceu no *Diario* a este respeito. Procede, naturalmente, a demora em vir a lume mais esse producto dos brilhantes talentos do sr. João Franco, tão festejados quando o vemos no poder, de não estarem ultimados quaesquer alborques e arranjos com os mandões de algumas localidades, ou de não se terem ainda rendido ás ameaças do sr. ministro do reino e dos seus delegados quaesquer povos independentes que não se deixam intimidar nem vencer. Porque, nunca é de mais dizel-o, essa famosa reforma administrativa não é senão um meio indecoroso de comprar adhesões ou de perseguir os inimigos politicos.

Ou pela corrupção, ou pela ameaça, o governo quer fazer uma circumscripção que mais sirva á sua politiquice reles, porque elle segue a maxima immoral de que são bons todos os meios para se alcançar o fim que se pretende. E' isso o que elle chama ser energico, ter vistas largas e revelar uma capacidade politica fóra do commum, e é por isso tambem que os admiradores do sr. ministro do reino, o emparelham, modestamente, quando elle dispõe do cofre das graças e dos beneses, com os grandes estadistas, que teem os seus nomes na Historia, por serviços reaes e assignalados, que ainda não vimos que o sr. João Franco tivesse prestado. Ora, está exactamente nos processos usados pelo sr. ministro do reino a prova provada, de que nem comprehende a sua missão, nem o seu tempo, e ainda mais, que não conhece essa Historia onde o seu nome não figurará nunca entre os politicos de capacidade superior, reformadores illustrados, dispondo de valiosos recursos e bemquistos pela opinião.

Quem suppõe que faz partido pela corrupção, é porque tem a ingenuidade pascovia de não perceber que o corruptivel de hoje ha de ser o corruptivel d'amanhã, pois quem tem o cynismo de se vender ao ministro A. vende-se tambem ao ministro B. se este o quizer comprar. Entrar no caminho das reformas só com o pensamento mesquinho e ridiculo de fazer proselitos para as alcavalas e galopinices eleitoraes, é dar a mais triste idêa do seu engenho e o mais cabal testemunho da sua moralidade, vendo-se muitas vezes obrigado a recuar quando deve avançar e de tergiversar quando tem de ir direito ao seu fito.

Na reforma concelhia e comarcã já o sr. ministro do reino tem mostrado o que vale como reformador e até onde chegam a sua energia e a sua audacia. Os ultimos decretos comparados com os primeiros decretos, não as vimos nós nos segundos e bastou que em Lisboa se reunissem os delegados dos concelhos e comarcas dissolvidas ou ameaçadas de o serem, para o sr. João Franco recolher essa energia e audacia tão proclamadas pelos seus incensadores.

Já no expediente que elle adoptou, de executar em dóses homœopathicas a sua notavel reforma, se viu que o governo não tinha orientação scientifica, nem principios assentes, nem regras estabelecidas, como exigia trabalho de tanto vulto. Como panno de amostra publicou os primeiros decretos, e como elles lançaram a agitação no paiz, mudou logo de systema, abandonou os principios e as regras, por que se guiára, e deixou-se dos rigores e das ferocidades com que investira, por exemplo, com o districto de Evora. Ahi está a reforma da instrucção secundaria a revelar tambem até onde chega a intrepidez do sr. ministro do reino, que fez lembrar o burlesco Bertholdo, que correu montes e valles á procura da arvore onde se havia de enforcar, como o sr. João Franco anda a vêr se encontra a melhor occasião de dizer quaes são os lyceus que hão-de acabar e os que hão-de ficar! E' sempre a monomania da corrupção e da ameaça, é sempre o mesmo pensamento de pôr em leilão os favores do governo, como se os governos podessem fazer favores e se não devesse presidir a todos os seus actos o maior escrupulo em attender unicamente ao que é justo e de verdadeira e incontestavel vantagem publica.

Fez-se, porém, exactamente o contrario. Não se olha á justiça, nem ao interesse do maior numero. Direitos e regalias dos povos são ou não respeitados, conforme o que mais convém á politica do governo. Este compra ou vende segundo as necessidades do momento, e quando nem póde vender nem póde comprar, ameaça e persegue.

E é assim que o sr. João Franco pensa fazer um partido capaz de o sustentar eternamente no poder!

Ora, se por taes meios é que elle aspira a alcançar o apoio do paiz, imagine-se de que natureza foram aquelles que elle empregou para obter o do Rei, que é a unica força que até agora o tem mantido no governo!

Os comicios de domingo

Continuamos a dar publicidade ás correspondencias e telegrammas, que o governo não consentiu que fossem transmittidos, contendo noticia dos comicios que se verificaram no domingo passado contra a illegal e odiosa reforma administrativa, que é a condemnação d'esta nefasta dictadura:

Fornos de Algodres 26.—Com uma imponencia extraordinaria, realisou se hontem, ás 4 horas da tarde, no magestoso edificio, dos paços do concelho, o comicio que a commissão nacional de resistencia havia deliberado se fizesse n'aquelle dia. Presidiu o sr. dr. José de Albuquerque Pimentel, secretariado pelos rev.os abbade Luiz Augusto de Sá e Mello e Pedro José Furtado Rebello da Costa. Leram-se muitas adhesões de pessoas que, pelo seu estado de saude, não poderam assistir, bem como um telegramma da commissão de resistencia de Vianna do Alemtejo, em que se saudam os fornenses e se lhes pede apoio, e um officio do abbade de Figueiró da Granja, em que testemunha o seu pesar por ter de sahir para Vizeu e não poder assistir ao comicio, onde queria, mais uma vez, protestar de viva voz contra a marcha vergonhosa e deprimente do actual governo.

O sr. presidente disse que o fim d'aquelle comicio era para se protestar energicamente contra as medidas promulgadas dictatorialmente pelo actual governo, medidas que, além de serem illegaes, eram um escarneo e uma affronta arremessados ao povo portuguez. A'quella hora muitos povos se achavam reunidos para o mesmo fim e pelos mesmos motivos, povos que elle saudava alli com enthusiasmo, pelo seu procedimento patriotico, correcto, digno e levantado, lamentando não o poder fazer pelo telegrapho, por áquella hora este estar fechado. E' liberal e liberal democrata, porque é filho de liberaes que sacrificaram a sua vida nas campanhas da liberdade e em prol da mesma, motivo porque está sempre ao lado do povo e prompto para, com este, defender até ao extremo os seus direitos violados e a sua liberdade offendida. Que a soberania reside no povo, por isso querer este é poder. Que o povo não só póde mas deve levantar-se unido como um só homem e fazer prevalecer os seus direitos [illegible] para isso tenha de sacrificar, não só a sua vida, mas tambem a de sua familia. Que é assim que deve proceder um povo digno e honrado, mostrando ao paiz que sabe repellir insultos grosseiros e quebrar grilhões que o escravisam. Foi muito applaudido.

Falla o rev.º abbade Luiz Augusto de Sá e Mello. Que o seu dever, n'este momento, é estar ao lado dos seus parochianos e com elles commungar na mesma causa e luctar pelos mesmos meios. Que o governo—escondido por detraz do exercito—decreta leis a seu bello prazer e capricho, sem attender a que pratica injustiças, sacrifica direitos inviolaveis e rouba aos povos a sua liberdade, considerando-os como dementes e sujeitando-os a uma tutela deprimente e offensiva. Um procedimento assim é por tal fórma revoltante que elle—apezar de ser padre—não póde deixar de verberal-o com energia e formular o seu protesto de indignação contra similhante anarchia. Lamenta que a norma constitucional d'este paiz, que foi implantada com o sangue dos nossos paes, fosse substituida já pelo despotismo ignaro dos actuaes dirigentes, que nada respeitam e tudo atropellam. E' necessario conter, sem perda de tempo, os desatinos de taes estadistas, expulsando-os do poder, do contrario será o paiz lançado no abysmo, á beira do qual se acha. Foi coberto de applausos.

Segue-se o sr. José Côrte Real, que diz não ser orador, nem ter fallado nunca em publico, mas que, apesar d'isso, não póde deixar de levantar alli a sua voz e dizer o que sente sobre o assumpto de que se trata. Folheia o livro da nossa historia e apresenta, em relevo, os factos heroicos dos nossos antepassados, que tanto engrandeceram o nome portuguez e o tornaram respeitado em todas as nações do mundo, do que se orgulha. Mas sente-se envergonha-do hoje, por ver que esse nome é já escarnecido e coberto de vituperios, por causa da corrupção, immoralidade e capricho de sete homens, a quem o paiz ainda tolera criminosamente á frente dos seus destinos. E' preciso fazer abater a veniaga que nos avilta e triunfar a moralidade que nos honra. E' necessario manter illibado o nosso nome de povo livre e honrado. E' urgente limpar o paiz da podridão que o atrophia, que o mata. E' indispensavel que mostremos que somos portuguezes e que não nos curvamos aos caprichos e mandatos de tyrannetes de comedia e dictadores de barraca de feira. Foi muitissimo applaudido.

Toma depois a palavra o sr. dr. João Baptista de Sá e Mello. Quer uma guerra de exterminio aos usurpadores das regalias populares. Não o assustam as ballas, porque já as sentiu sibilar em torno d'elle. Não teme a morte, porque morrer em defeza d'uma causa tão justa, tão nobre e tão santa, como a de que se trata, não é morrer, mas sim viver para a historia. E' chegado o momento da revindicta social — não se retroceda, porque isso seria a nossa ruina, a nossa escravidão, a nossa morte. Unamo-nos com os outros povos, que como nós foram feridos, que como nós protestam, que como nós querem a lucta, e vamos para a frente, pois que só assim nos será reparada a affronta torpe que nos foi feita, pois que só assim podemos merecer o nome que nos legaram os nossos antepassados. Tambem foi muito applaudido.

Falla por ultimo o sr. dr. J. d'André Ferreira de Abreu, que foi d'uma eloquencia arrebatadora. Faz uma critica prolongada e mordaz ao codigo administrativo e lei eleitoral. Que os concelhos de terceira classe não teem rasão de existir a não ser na mente do *legislador*. Que só em Portugal, e em fins do seculo do progresso e das luzes, é que se podia fazer uma monstruosidade d'aquella natureza. Que assim como nas escolas primarias se adquirem conhecimentos para depois se poder profundar as differentes sciencias, assim nos pequenos municipios se aprende hoje a ser estadista ámanhã. Reconhecer tal monstruosidade é dar-se uma prova de inepcia e falta d'amor á liberdade dos nossos direitos sacratissimos. Com a mesma razão que somos todos obrigados a defender os direitos do paiz, com essa mesma razão somos obrigados a defender os nossos direitos concelhios e comarcãos, quando, como agora, os vemos violados. E' preciso acabar com o protesto platonico e passar para o protesto pratico.

. . . . . .

Foi violentissimo contra o governo e sempre com phreneticos applausos da assembléa.

Foram votadas e approvadas por unanimidade duas propostas, cuja summula é a seguinte:

1.º Dar todo o apoio aos concelhos e comarcas [illegible] nos que protestem contra o codigo administrativo e lei eleitoral.

2.º Abstenção por completo nas eleições de deputados, camaras municipaes e juntas de parochia, emquanto se não restabelecer no paiz a norma constitucional.

Depois do sr. presidente dissolver o comicio tudo sahiu do edificio, levando dois homens o retrato do nobre marquez de Thomar e o estandarte do municipio, tudo ladeado pela commissão de resistencia, seguido da philarmonica que tocava a *Portugueza* e de mais de duas mil pessoas, percorrendo todas as ruas da villa e fazendo uma manifestação de respeito e sympathia á memoria d'aquelle a quem se devia a creação da comarca hoje extincta, e de desagrado ao governo.

Foi o comicio mais imponente a que temos assistido, e onde se achavam representados todos os povos d'este concelho, os quaes se achavam possuidos da mais alta indignação. De tudo que se passou apenas damos uma pallida idéa, devido ao pequeno espaço de que dispomos e ao estar o correio para partir.

*

Alfandega da Fé, 25.—Tentei hoje dar-lhe telegraphicamente noticias ácerca do comicio que vae já effectuar-se, mas não me acceitaram o telegramma, porque não ha licença de nos podermos servir do telegrapho. Este só serve agora para os amigos do governo. Resta-nos o correio, até que o *Corregedor* proiba, o que se suppõe, a passagem de correspondencia para a imprensa. Ha já affluencia de povo das freguezias d'este extincto concelho que vem protestar contra o roubo que traiçoeira e covardemente nos fizeram. Parece que aos mandões da situação fazem mal as lagrimas e queixumes d'aquelles que hoje se vêem reduzidos á miseria e querem por meio da força impedir qualquer manifestação de sentimento. Para este fim mandaram-nos, além da grande força de infanteria e caçadores que já aqui tinhamos, um esquadrão de cavallaria, o commissario de policia e o administrador de Macedo como representante do governador civil. Simplesmente ridiculo!... Este apparato leva-nos a crêr que não deixarão realisar o comicio, mas convença-se o governo que as bayonetas não impedem que protestemos vehementemente contra os seus desmandos, e que os povos do extincto concelho d'Alfandega eram progressistas e progressistas morrerão.

*

S. João d'Areias, 26.—Houve hontem comicio, como já disse em telegramma, nas salas da camara municipal d'este concelho, presidindo Alfredo Correia da Silva Carvalho, secretariado por Antonio Moraes Trindade Villa Nova e Antonio Alves da Costa.

Aberta a sessão ás 3 horas da tarde expoz o presidente que o fim da reunião era para protestarem contra a reforma administrativa, principalmente na parte que se refere á suppressão dos concelhos.

Em seguida pediu a palavra o sr. José Pedro da Silva Parente da Costa, que disse não poder acreditar na extincção d'este concelho, berço de tantos homens illustres, no numero dos quaes entra o chefe do partido regenerador, que o governo fatalmente ha de respeitar. Que não póde tambem crêr que o sr. Antonio de Serpa deixe desapparecer o seu concelho: que lhe faz essa justiça, não obstante os jornaes o terem contado no numero dos condemnados. Se ao contrario do que elle pensa, tivermos a infelicidade da sua suppressão, nós iremos até onde chegarem as nossas forças. Este sr., em phrases que lhe sahiam do fundo da alma, disse que os nossos antepassados sacrificaram a propria vida em defeza da liberdade; nós a quem cumpre defender a nossa autonomia ainda que seja pelo mesmo preço, que ainda não está de todo coarctado o direito de protestar dentro dos meios legaes, mas quando este de todo nos faltar, fal-o-hemos pelos meios que nos restarem. Foi immensamente applaudido.

Fallou em seguida o sr. Luiz Maria da Costa. Disse que, como o orador que o antecedeu, não póde crer na suppressão d'este concelho, outr'ora chamado Cintra da Beira. Qual o motivo para isso? Não se tem elle até hoje governado com os recursos proprios? Accusam-nos os nossos visinhos, porque desejam a nossa morte para o seu engrandecimento, que a camara não tem feito obras. Accusam-nos d'isto como o fariam tambem, se ella se tivesse mettido em grandes obras, para as quaes houvesse de contrahir emprestimos. A camara tem cuidado do que mais interessa ao publico e não tem feito pouco. O que nós precisamos é trabalhar, dar impulso á agricultura, [illegible] que os nossos governos tanto teem desprezado. A camara d'este concelho, honra lhe seja, tem auxiliado bastante a agricultura, fornecendo-lhe os utensilios proprios para cura e tratamento das videiras. Que os nossos maiores fizeram sacrificios para nos legarem as regalias que dizimos, os oitavos, os quintos, os quartos e todo o genero de alcavalas.

Nos coutos de Alcobaça, e n'outros territorios privilegiados, era prohibido ao povo o usar de moinhos de moer farinha, de fabricar azeite, e de outras industrias. Tudo isso só era permittido aos frades e ás classes elevadas.

Portugal estava reduzido a uma colonia do Brazil, tendo os processos de ir em appellação para o Rio de Janeiro, com enorme despeza das partes.

O infeliz Gomes Freire de Andrade e seus companheiros de infortunio, haviam sido barbaramente enforcados no dia 18 de outubro de 1817, seus corpos queimados, e as cinzas d'elles lançadas ao mar! E como se não bastassem os poderes extraordinarios do marechal Beresford, havia elle ido para o Rio de Janeiro, a fim de reclamar poderes de tal ordem arbitrarios e despoticos, que ficava á sua completa disposição o exercito portuguez, e até os governadores do reino, apesar de serem uns miseraveis instrumentos do marechal inglez. Enganou-se, porém, Beresford nos seus planos; pois que quando na volta do Brazil chegava ao Tejo, trazendo a famosa carta régia, por elle requerida, achou que a nação portugueza se havia libertado.

Na cidade do Porto tinha rompido a revolução liberal no dia 24 d'agosto de 1820, e a cidade de Lisboa havia seguido o seu exemplo no dia 15 de setembro. Beresford, o tyranno de Portugal, quando sahia do Tejo para Inglaterra, por não conseguir desembarcar em Lisboa, ouvia os lugubres sons dos sinos nas exequias pelo terceiro anniversario da morte dos martyres da liberdade.

No dia 1 de janeiro do mesmo anno de 1820 tinha começado a revolução liberal em Hespanha, para o povo e o exercito se verem livres do jugo tyrannico de Fernando VII, um dos reis mais abjectos e sanguinarios, que havia tido aquelle paiz.

O benemerito liberal e patriota Manuel Fernandes Thomaz, não obstante o terror que inspirava a morte de Gomes Freire de Andrade e dos seus desditosos companheiros, tomou a iniciativa da revolução; e com o auxilio de outros dedicados liberaes, conseguiu realisar o grande movimento nacional. Por essa fórma poude a nação portugueza reunir as suas côrtes constituintes, nas quaes foram approvadas importantissimas reformas.

Alli se extinguiu a infame inquisição, se estabeleceu a lei de liberdade d'imprensa, se extinguiram numerosos abusos, e se votou uma constituição livre. E se não se effectuaram outras reformas foi porque as classes privilegiadas, e á frente d'ellas a celebre rainha D. Carlota Joaquina, e seu digno filho D. Miguel—que posteriormente veiu a ser o *rei toureiro*—procuraram derrubar o governo liberal. Data de 24 d'agosto de 1820 a libertação politica d'este paiz.

[illegible]

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A MATANÇA DOS HUGUENOTES

24 DE AGOSTO DE 1572

Depois de commemorarmos o fausto anniversario da revolução liberal do Porto, em 24 d'agosto de 1820, não devemos deixar de fazer uma breve commemoração da horrorosa matança dos huguenotes em Pariz e outras cidades de França, em 24 d'agosto e dias seguintes de 1572.

Por iniciativa da celebre Catharina de Medicis, de seu filho o odioso rei Carlos IX, e de outros altos potentados, intolerantissimos em religião, rompeu em Paris a matança dos huguenotes, na madrugada de 24 d'agosto de 1572—faz hoje 323 annos.

O primeiro infamemente assassinado foi o almirante Coligny, que depois de morto foi arremessado de uma janella de sua habitação para a rua, d'alli arrastado, até irem dependurar o cadaver n'uma das forcas de Montfaucon!!! Por toda a parte eram assassinados os huguenotes. Homens, mulheres, e até creanças, tudo era morto e as suas casas incendiadas.

Os frades não deixaram de tomar parte importante n'esta crueldade, como já haviam praticado em Lisboa, no reinado de el-rei D. Manuel. O proprio rei Carlos IX praticou a infamia de disparar d'uma janella do seu palacio tiros de arcabuz, sobre os infelizes huguenotes, quando queriam fugir.

A matança prolongou-se em Pariz todo o dia 24 d'agosto, e seguiu nos dias 25 e 26. De Pariz estendeu-se a mortandade por outras cidades de França. Avalia se o numero de mortos em 25:000. As noticias d'estas atrocidades foram festejadas em Roma, em Portugal, e em outros paizes!

Horrivel memoria esta!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIAS DIVERSAS

Revolta mallograda na Africa.—O *Diario de Noticias*, do Funchal, no seu numero de 20 do corrente, publicou a seguinte communicação, cujo fundamento se ignora:

«Uma carta particular do Dondo (Africa Occidental), recebida n'esta cidade, relata o seguinte: Por causa de uma questão entre indigenas e europeus, aquelles, mulatos e pretos, planearam aproveitar-se, para tomar conta da administração e de paiol, na occasião em que os europeus estivessem a assistir a uma tourada que se realisaria no dia de S. João e á qual assistiriam o chefe do concelho e mais authoridades. Como os indigenas tinham ás suas ordens os soldados moveis (2.ª linha; no Dondo não os ha de 1.ª), por serem indigenas todos os officiaes, prenderiam á sahida da tourada todos os individuos brancos, saquear-lhes-hiam as casas commerciaes e tornar-se-hiam independentes. Uma mulata soubera de todo este plano e contára-o a um branco com quem tinha relações. O branco fez prevenir telegraphicamente o governador de Angola, sr. Alvaro Ferreira, capitão de fragata, que mandou partir em comboyo expresso para Cassulada (a estação mais proxima do Dondo) o coronel de caçadores 2, sr. Padrão, com toda a tropa disponivel que havia em Loanda. Em vista d'estas providencias, frustraram-se os planos dos indigenas e o governador transferiu o sr. capitão Bandeira, chefe do exercito; o capitão movel sr. João Luiz Baptista; o subdelegado sr. Francisco Pedro de Souza; e demittiu os tenentes moveis srs. Eusebio Rodrigues da Costa e Paulo da Costa e Silva.»

Modas.—Da *Estação de Paris*, a magnifica revista de modas e litteratura dirigida pela distincta escriptora a sr.ª Guiomar Torrezão e editada pela livraria Pereira, da rua Augusta, transcrevemos as seguintes informações que muito interessarão as nossas amaveis leitoras e que são dadas áquelle periodico pela sua correspondente de Paris:

«O grande exito da moda, continúa a ser pelos corpinhos genero bluse, que se fazem em sêda cobertos por gaze ou cambraeta, em taffetá *changeant*, em crepão e ainda em alpaga.

O genero mais elegante, porém, é o corpinho bluse, executado em sêda as riscas ou cassa de sêda, e a sáia em crepão, n'uma côr differente d'aquelle. Usa-se egualmente muitissimo entre a sociedade elegante e distincta, a blusa em setim *liberty* preto, completamente pregueado, e guarnecido por entremeios de renda branca ou creme, para ser vestida com uma sáia álvaaio claro, *grenat* ou rosa pompadour ou lisa. Tudo isto, porém, é uma questão de gosto e phantasia, pois que a moda exige simplesmente o rigor da elegancia sem exageracões. As mangas continuam a occupar na *toilette* uma parte muito importante, e na sua maioria fazem-se até ao cotovello, onde prendem por uma especie de bracelete em fita, renda ou galão bordado, para serem seguidas por uma alta luva branca ou amarello palha, que são as côres determinadas pela moda, para as luvas. E', porém, conveniente e muito pratico fazer a manga *rapportée*, a partir do cotovello, apresentando assim a manga duas fórmas differentes. Algumas elegantes tentaram introduzir as *mitaines* arrendadas, mas a moda não as admittiu, o que, a meu vêr, foi muito bem entendido, porque essa moda que pertenceu aos nossos bisavós, não está á altura da elegancia actual. Ao contrario das luvas, as meias devem ser arrendadas e bordadas, mas em sêda preta ou fio de Escocia finissimo. As sáias começam a apresentar-se guarnecidas aos lados por largas quilhas de renda ou bordados a vidrilhos; mas quanto á sua fórma, sustentam a mesma amplidão na parte inferior e esguias na superior.

Algumas extravagantes lembraram-se de fazer as mangas com uma amplidão tal, que dispostas em largura, harmonisassem perfeitamente com a amplidão da sáia; mas a moda não deu cabimento a essa innovação, no que andou perfeitamente, porque os exaggeros são sempre ridiculos. Em questão de moda, o que se deve ter em vista, principalmente, é o conjuncto e a harmonia dos tecidos com as guarnições. As guarnições favoritas, são compostas de rendas, entremeios bordados e arrendados, e muitos vidrilhos, tornando-se necessario que estes não sejam pesados, afim de não sobrecarregarem demasiadamente as *toilettes*, tanto mais que no momento actual os tecidos, em virtude da estação calmosa, devem ser escolhidas entre tudo o que haja de mais leve e vaporoso.

As indianas, segundo me parece, não obterão grande exito este anno, a não ser para *costumes* de praia, e para esses mesmo, a moda decreta a cachemira branca muito fina, ou então o pique, que em virtude da determinação da nossa soberania, se executa em varias côres e estylos, fingindo uma especie de *crepon* genero pompadour, ou então as pintas. Para blusas quotidianas, este tecido tem grande voga e produz um lindo effeito, assemilhando-se a assetinado.»

Meio preventivo contra o caruncho das madeiras.—Quando as madeiras são applicadas em obra no estado secco, ie ordinario não apodrecem, mas são com frequencia atacadas por certos insectos a que vulgarmente dão o nome de *bichos da madeira* que n'ella lavram fundas galerias e traçando-a deteriora-a, produzindo o chamado *caruncho*. A parte central, das arvores, o cerne, é sempre immune, mas a zona peripherica, o borne, está muito sujeito ao ataque, que tambem se manifesta de preferencia nas essencias em que essas duas camadas se vêem mais distinctas como no carvalho, pinheiro, etc. Em virtude de estudos recentes parece averiguado que a farinha lenhosa proveniente do *bicho da madeira* não contém amido, substancia que por elle é consumida e que o attrahe, por tanto se a uma arvore fôr eliminado este elemento, a sua madeira deverá conservar-se indemne ao caruncho. Inspirado n'esta ordem de considerações, M. Emile Mer, distinctissimo membro da Sociedade Nacional de Agricultura de França, realisou uma série de experiencias, pelas quaes encontrou o processo para preservar as madeiras do caruncho. E' o seguinte:

«Na primavera, descasca-se totalmente a porção do tronco que se quer utilisar como madeira para obra, ou então basta apenas fazer um descasque annullar de alguns centimetros de largura na parte superior. N'este caso, todos os rebentos que posteriormente á operação appareçam sobre o tronco é inferior ao annel. No mez de outubro seguinte o amido tem desapparecido inteiramente de toda esta região. Póde-se então abater a arvore e empregal-a com o seu borne, sem receio de que venha a ser ulteriormente atacada pelo caruncho, porque este só procura as madeiras amyliferas.»

PELO ESTRANGEIRO

Napoleão III.—O *Gaulois* publicou a *interview* que um dos seus redactores teve, ha dias, com o auctor dos *Rougon Macquart*, ácerca de Napoleão III. E' interessantissima:

Zola, depois de reiterar a sua fé republicana, confessou que rectificára os seus juizos ácerca, não do Imperador, porém de Luiz Napoleão. A sua pretendida luxuria reduz-se a duas ou tres aventuras galantes que lhe prepararam, para o dominar, cortezãos indignos. Deve-se diminuir bastante as fabulosas riquezas que, segundo os seus detractores, enthesourava. Em sua vida intima abundam os rasgos de ternura e de piedade. Na guerra de 1870, não teve outra responsabilidade que a resultante da sua condescendencia.

Iniciada a funesta campanha, chorava como uma mulher ao contemplar os mortos e feridos, e com valor estoico duas vezes procurou a morte nas primeiras linhas da vanguarda. O Imperador era um predestinado, um fatalista, prompto a seguir, ainda com os maiores perigos, a corrente, não tendo energia para lhe resistir. Doente, gravemente doente, cruelmente atormentado por horriveis enfermidades, pintando o rosto para que se não conhecesse a sua pallidez, tomado de vertigens no cerebro e de caimbras nas entranhas, a cada passo do cavallo ou a cada solavanco do coche, marchou de derrota em derrota a caminho de Sédan, para o desthronamento e o tumulo, sem uma queixa, sem uma recriminação, paciente, resignado, se se quer, vergonhosamente sublime.

Para escrever *Sédan*, compulsou Zola documentos numerosos e inconstaveis que lhe inspiraram sentimentos de piedade, e esse cruel martyrio apagou no seu espirito os odios do antigo republicano e as iras do filho amantissimo da França, atraiçoada e vendida, não pelo infeliz Napoleão, senão pelos conselheiros execraveis do segundo imperio.

O imperador Francisco José.—O *Reues Wiener Tagblatt*, jornal que se publica na capital do imperio austriaco, noticia que o imperador Francisco José, desejando solemnisar com um acto de generosidade o 50.º anniversario da sua elevação ao throno, tencion offerecer á cidade de Vienna o parque chamado *Prater*, muito admirado e frequentado pelos habitantes d'aquella idade. O

---

189 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 3.ª PARTE

DESENLACE

X

UMA QUEDA DESASTROSA

—Eu não o demorei: tu propozeste-me o meio do narcotico, e eu quiz empregal-o.

— Tiveste medo da morte, e déste tempo a que chegassem os agentes de policia.

— Offendes-me, Rodolfo.

— Como hei de offender-te, se tu és um canalha?

— Eu! exclamou Torrelamar em pallidecendo.

— Eu! Tu! Quem revelou a André as minhas intenções? Quem lhe disse... Ah! a tua carta, a carta que escreveste á ultima hora, perdeu-te!

Luiz, conhecendo as intenções de Rodolfo, occultou dissimuladamente a mão no interior do casaco, e segurou a coronha de uma pistola. O caminho estava solitario.

— Eis porque te disse que d'aqui em diante só continuaria a viajar um dos dois, proseguiu Rodolfo.

—Porque? perguntou Torrelamar.

— Porque vamos bater-nos.

E ao mesmo tempo, Rodolfo abriu a portinhola. Os cavallos iam a galope. A carruagem de Rodolfo caminhava quasi ao lado.

— Pára! pára! gritou Rodolfo.

Mas precisamente n'este momento chegavam a um declive cheio de cascalho onde o ruido das rodas e das patas dos cavallos não permittia que o cocheiro o ouvisse.

— Porque ha-de parar? perguntou Luiz.

— Porque entre nós é já inutil qualquer explicação. Vamos bater-nos.

— Para isso é preciso que eu queira.

—Esbofetear-te-ei, se for necessario.

— A mim!...

— A ti! confirmou Rodolfo.

E dirigiu a Luiz um olhar cheio de provocação e de ira. Torrelamar conheceu a malvadez de Rodolfo; amava a vida mais que nunca, e ante a idéa de perdel-a a tudo se arriscava.

Nem um transeunte interrompia a soledade do caminho, no que Luiz reparou n'um relance.

— A mim! repetiu elle cego de colera. Julgas, miseravel, que por ter tremido diante de André hei-de fazer sempre o mesmo?

E o rosto adquiriu-lhe uma expressão de odio indescriptivel.

Rodolfo estremeceu ao ver-se tratado d'aquelle modo, e lançando mão ao rewolver, intentou servir-se d'elle mas Torrelamar, observando este movimento, armou a pistola, e antes que Rodolfo podesse defender-se, agarrou-o com violencia pela gola do casaco, brandando-lhe:

—Retira-te, canalha, senão mato-te

E como a porta estivesse aberta deu-lhe um forte empurrão e arrojou-o para a estrada. Rodolfo soltou um grito de raiva, e agarrou-se com mãos e pés onde poude; mas por fim cahiu de bruços, praguejando e blasphemando. Torrelamar dirigiu-se á portinhola. Mas ao mesmo tempo succedeu uma cousa horrivel. Thomaz, que vinha logo atraz por mandado de seu amo, deu ruagem, e quando saltou d'ella, os cavallos iam de tal modo que não pude contel-os.

— Sim, sim, é verdade. Além de que, teu amo não morreu, e por conseguinte fará as declarações necessarias para que a justiça não possa criminar-te.

Torrelamar examinou detidamente Rodolfo.

— Tem a perna esquerda fracturada, uma grande ferida na cabeça, e outra no peito.

Depois, Torrelamar e Thomaz ergueram-no e metteram-o na carruagem. O primeiro deitou-o, collocou-lhe os almofadões dos assentos da melhor maneira possivel e fechou a portinhola. O segundo subiu para a almofada, perguntando:

— Que devo agora fazer?

— Seguir para diante, respondeu Luiz entrando no seu trem.

E continuou a marcha interrompida. A's duas horas da tarde, as carruagens entravam na terceira estação. Os cavallos iam mortos de fome e de cansaço. Torrelamar apeou-se, chamou o estalajadeiro, mandou preparar um quarto retirado, e ajudado pelos criados da estalagem, fez transportar Rodolfo, que no momento de o levantarem voltou a si da longa lethargia em que as dôres o tinham prostrado. A fractura da perna obrigava-o a dar taes gritos que inspirava dó. Logo que o deitou na cama, Torrelamar pediu um cavallo, e ordenou a Thomaz que se dirigisse á povoação mais proxima em busca do medico, do cura e da auctoridade administrativa. Tão urgente era o aviso, que os tres chegaram duas horas depois, acompanhados do lacaio. Torrelamar recebeu-os, informou-os da occorrencia, fez-lhes vêr a innocencia do pobre Thomaz, e entrou com elles no quarto de Rodolfo. O medico viu-o, despiu-o, coisa que até então não tinha podido fazer-se com receio de aggravar-lhe os padecimentos, e encanou-lhe a perna.

— Curar-se ha? perguntou Luiz ao medico.

—Nada posso dizer por agora, porque a fractura da perna foi grande.

—Examinou-lhe a ferida da cabeça?

— Essa não é grave.

— E a do peito?

Ouvindo isto, o medico abriu a camisa de Rodolfo, viu-lhe marcada no peito a ferradura de um cavallo, e respondeu:

— Isto é mais sério: o pulmão deve estar offendido.

Torrelamar pediu ao medico que não abandonasse o enfermo, remunerando-o antecipada e generosamente e disse ao sacerdote, indigitando-lhe Hervan:

Senhor cura, procure levar a fé e o arrependimento a essa alma pervertida ou obcecada, porque de ambos os balsamos necessita. Se morrer e perguntar por mim nos seus ultimos momentos, diga-lhe que antes de patir lhe perdoei as offensas.

— Assim o farei, meu filho, respondeu o cura.

E em seguida recebeu uma bolsa cheia de prata para que dissesse algumas missas por alma de Rodolfo.

— Não sei o que se passa no meu coração! pensava Torrelamar. Ha um momento achava-me decidido a commetter um crime, e agora sinto-me inclinado ao arrependimento e á piedade.

Ao anoitecer d'aquelle mesmo dia, Torrelamar sahia da estalagem e continuava a sua viagem para Paris.

(Continua.)

Prater, propriedade exclusiva da corôa, mede 4:228 ares e pertence á casa de Austria desde 1570, não tendo estado aberto ao publico até 1776 em que, por ordem do imperador José II, poderam os viennenses disfructar tão formoso passeio. O actual soberano de Austria nasceu a 18 de agosto de 1835 e foi proclamado imperador de Austria, rei da Bohemia e rei apostolico da Hungria, a 2 de dezembro de 1848. Faltam, portanto, ainda tres annos e mezes para que Francisco José torne effectivo o seu generoso offerecimento.

Um principe pegajoso.—Ha de haver uns tres mezes, chegou a Inglaterra o filho segundo do emir do Afghanistan, que dá pelo nome de Shahzada e que tinha por missão especial visitar a rainha Victoria, em nome de seu pae, fazendo assim acto solemne e publico da alliança existente entre a Gran-Bretanha e aquelle remoto principado asiatico. Shahzada, rapaz de pronunciada côr trigueira, nariz aquilino e olhar melancolico, foi recebido com distincções, que costumam só ser tributadas na Inglaterra aos principes estrangeiros. Em honra d'elle houve paradas e recepções officiaes a granel; os municipios de Londres e das outras cidades que visitou organisaram, para o festejar, banquetes e festas de maravilhoso esplendor; a aristocracia disputava a presença d'elle; toda a gente na Inglaterra estava empenhada em que o principe afghan regressasse á sua terra com a impressão de que o Reino Unido é o paiz mais rico, mais poderoso e mais hospitaleiro do mundo. N'uma palavra: Shahzada foi o *lião* da *season* e os seus ditos e acções mereciam diariamente a todos os periodicos columnas e columnas.

No entanto, notava-se que o principe era meio parvo. A primeira vez que fallou em publico, respondendo a um discurso do lord corregedor, limitou-se a dizer: «Sou filho segundo do emir do Afghanistan e venho á Inglaterra para demonstrar amizade que meu pae consagra a este paiz». N'essa mesma tarde, teve o principe de responder a outro brinde e as suas palavras fôram exactamente eguaes. No dia seguinte, o mesmo; no outro, tambem, e desde que está em Inglaterra nunca mais sahiu d'essa cantilena. Foi viajar pelas provincias e, a todas as auctoridades e directores de fabricas, a todas as pessoas que lhe puxavam pela lingua, respondia invariavelmente: «Sou filho segundo do emir de Afghanistan». E todos já repetiam a meia voz: «E vem demonstrar a profunda amisade que seu pae consagra a este paiz.» Os inglezes supportavam a *scie* com relativa paciencia, calculando que a demora do principe seria uma questão de dias, tanto mais que Shahzada não viaja por conta propria, mas por conta do thesouro da India, e o alojamento de sua alteza e da sua comitiva em Dorchester House, e as suas peregrinações pelas provincias, com o luxo que requer a sua cathegoria de principe em missão extraordinaria, não importam em nenhuma niuharia. Mas foram passando os dias e as semanas e os mezes, e Shahzada não se vae embora. Ninguem faz caso d'elle porque já deixou de ser o homem da moda e a aristocracia lhe fechou as portas; os periodicos citam-n'o por acaso, nos centros officiaes mostram-lhe cara feia e a familia real não lhe liga a menor importancia. Mas o principe gosta da Inglaterra e da maneira como lá o tratam, e não vae embora. No parlamento já houve duas ou tres perguntas ácerca do dinheiro que elle tem gasto e dos motivos que o fazem demorar em Londres, mas Shahzada não se dá por entendido e... fica! Esta persistencia em ficar tornou-se, é claro, um pesadello para os inglezes, e o governo ainda não encontrou meio de pôr diplomaticamente o pricipe fóra do Reino-Unido!

A imprensa americana e Martinez Campos.—O jornal de New York *World* dirigiu ha dias ao general Martinez Campos um telegramma, perguntando-lhe a sua opinião ácerca da guerra de Cuba. A esta pergunta, que bem mostra a despreoccupação e originalidade da imprensa americana, respondeu o general com este despacho:

«*Havana*, 6.—Cheguei a Havana com toda a felicidade. Agradeço muito o interesse que mostra por conhecer a minha opinião sobre a campanha de Cuba. Infelizmente não posso, como general em chefe, communical-a a mais ninguem que ao governo de S. M. a rainha regente de Hespanha.»

A insurreição de Cuba.—Expedido em 23, o governo hespanhol recebeu o seguinte telegramma de Havana: No dia 7, o capitão Amador, com 220 homens, bateu 600 inimigos commandados por Cartagena, em Tanamo, fazendo-lhes sete mortos. No dia 9, o tenente Ricardo, com 25 homens de caçadores, atacou em Guagenal, pelo mesmo Cartagena, com 200 homens, luctou convalentia, conseguindo tomar posição em Carretas. O inimigo teve sete mortos e doze feridos, entre os quaes o becilha Pombo. No dia 22, Maceo e sua guerrilha atacaram o engenho ião, guarnecido por 59 homens, do repellidos. O fogo durou tres ras, sendo morto o pseudo official ega. Ficou prisioneiro um guerrilheiro, que se faz chamar capitão Ramirez.

O attentado contra o barão de Rothschild.—nnunciou o telegrapho que havia sido commettido um attentado em Pariz ontra o barão Affonso de Rothschild, cando mais ou menos gravemente ferido um dos seus empregados. Os pormenores do attentado são assim referidos por uma folha pariziense:

Na ausencia do barão Affonso de Rothschild, actualmente em Trouville, o seu correio é levado todos os dias para a casa bancaria Rothschild, na rua Laffite, onde é escolhido e em parte pelo menos aberto pelo empregado de confiança Jodkowitz.

No sabbado de manhã, como de costume, foi enviada a correspondencia para a casa bancaria. Entre as cartas recebidas havia uma de maiores dimensões, estampilhada com tres sêllos de 15 centimos, o que indicava ser bastante pesada. O endereço estava assim escripto: «Sr. barão Affonso de Rothschild, rua Saint-Florentin, 2, Pariz. (Pessoal).» Jodkowitz, director das propriedades do barão, seu intendente e homem de confiança, não abriu logo a correspondencia, indo primeiro almoçar a um restaurante proximo. Depois que voltou para o escriptorio, começou a abrir a correspondencia, e quando chegou á carta mais volumosa e pesada, disse comsigo:

— Sem duvida são bilhetes para algumas corridas.

Jodkowitz, que é myope, tinha posto umas lunetas. Pegou n'uma faca de cortar papel, introduziu-a na parte não gommada do sobrescripto, sentindo logo uma certa resistencia. Jodkowitz notou que a faca encontrára dois fios que pareciam atar dois cartões do tamanho da carta. Puxando com mais força pelos fios, deu-se quasi immediatamente uma explosão, comparavel a um tiro de pistola. Jodkowitz cahiu sobre a cadeira, com o rosto e as mãos ensanguentadas. Os outros empregados da casa correram em seu soccorro, e viram que o ferido tinha a face direita e a extremidade dos dedos cruelmente queimadas. Immediatamente foram chamados medicos. Transportado para o seu domicilio, o ferido teve que sujeitar-se a uma delicada operação, pois alguns fragmentos do cartão tinham penetrado na cornea do olho direito. O medico que praticou esta operação, conserva a firme esperança de salvar a vista ao ferido.

Jodkowitz, que pertence á religião israelita, é de origem polaca. Nasceu em Sedan e fôra procurador em Metz. Como depois da guerra de 1870 optasse pela França, entrou ao serviço da casa bancaria Rothschild. Tem 55 annos de idade. O attentado produziu profunda sensação, por se presumir que se está na presença de mais um crime anarchista. O director do Laboratorio é de opinião que a explosão foi devida a fulminato de mercurio collocado entre os dois cartões e tendo-se inflamado com o puxão dado ao fio. A policia faz as mais activas pesquizas para descobrir o auctor do attentado.

Uma nova Babel.—No parlamento belga ha actualmente uma verdadeira confusão de linguas similhante á que Deus enviou aos que com toda a soberba construiram a celebrada torre de Babel. Nos ultimos debates, alguns deputados fallaram em francez, outros em flamengo e outros quizeram fazer o mesmo no dialecto wallon. O presidente da camara quiz oppôr-se a esta confusão de linguas, mesmo porque não conhece o dialecto wallon, mas os que defendem este dialecto estão resolvidos a pronunciar n'elle os seus discursos, quer os entendam quer não. Os belgas não são os inventores d'esta innovação parlamentar, pois na Suissa fallam-se muitas linguas e dialectos. Mas na Belgica não ha necessidade d'esta Babel, porque alli todos fallam o francez, e pretenderem os deputados fallar em flamengo ou wallon, não é mais que para satisfazer o espirito regionalista e as rivalidades de campanario.

Recordações da guerra de 1870.—Em Berlim existe uma singular collecção de recordações da guerra de 1870. São as chaves preciosamente conservadas das principaes fortalezas francezas que capitularam durante a guerra. Estas chaves estão expostas no arsenal. Entre ellas nota-se, sob uma redoma de vidro, a chave de ouro de Lunéville, entregue a 13 d'agosto de 1870 ao Kronprinz, que foi mais tarde o imperador Frederico III. A de Thionville tem ainda gravadas as armas da cidade. Ao lado d'ella estão as de Brisach, Mézières, Verdun e Metz. Quasi todas estas chaves estão enferrujadas pelo tempo. Tambem n'esta collecção existem as duas chaves douradas da cidade de Berlim, que foram entregues com grande pompa a Napoleão I, quando este entrou n'aquella capital em 1806, e que foram restituidas á Prussia em 1814.

Zola e o «Gil Blas.»—Tem dado que fallar em Paris a decisão d'um processo intentado por Emilio Zola contra a empreza do jornal *Gil Blas*. Aquelle diario parisiense recusava-se a pagar ao celebre romancista 50:000 francos que, por contracto, se obrigára a dar-lhe pelo direito de publicar primeiro do que ninguem, em folhetins, o romance *Lourdes*. O pretexto da recusa do referido jornal era de que não tinha existido tal exclusivo, pois que, quando Zola firmara o contracto com o *Gil Blas*, já tinha concedido licença para que o romance fosse traduzido em todas as linguas. O tribunal deu rasão ao romancista, condemnando a empreza jornalistica.

Editor celebre.—Falleceu, em Leipzig, um editor celebre, o barão Bernhard de Tauchnitz. Fundara a sua livraria em 1837. Prestou assignalados serviços á litteratura. Em 1841, começou a publicação da notavel *Collection of British autors*, que actualmente se compõe de tres mil volumes approximadamente e contem obras de mais de 260 auctores inglezes e de 30 americanos. Enceton tambem, mais tarde, a *Collection of German autors*, destinada a popularisar, em Inglaterra, as obras dos escriptores allemães. Em 1860, recebeu do rei da Saxonia o titulo de barão.

Continencias.—Os soldados da guarda republicana franceza receberam ordem de cumprimentar todos os seus camaradas sempre que se encontrem. Até aqui só faziam continencias aos superiores. Esta medida está já em vigor.

A falsificação do leite na Inglaterra.—Segundo o *British Medical Journal*, é extraordinaria a maneira como se falsifica o leite em Londres. Em 50 bilhas de leite analysadas, 24 apresentavam misturas mais ou menos nocivas e outras substancias verdadeiramente toxicas.

O leite condensado, de que tanto uso se faz actualmente na Inglaterra, não se encontrou, nas analyses feitas, menos falsificado.

O touro, animal domestico.—Um dos touros que, no dia 24 do corrente, ia ser corrido na praça de Malaga, teve artes para despedaçar a jaula em que estava prisioneiro. Depois, deparando com os cavallos que tinham servido para a conducção das jaulas, atirou-se a elles e matou seis, faina que lhe custou partir um dos chifres. O pacifico bichinho, d'uma domesticidade adoravel, como se vê, pertencia ao afamado *ganadero* Miura, que teve de mandar um substituto.

Varias noticias.—Vae partir para Cuba o filho segundo do finado marechal Bazaine, que se alistou no exercito hespanhol e é cabo no regimento de hussares da Princeza. Vae tomar parte na guerra de Cuba. O irmão mais velho, que tambem partira para Cuba, succumbiu aos effeitos da febre amarella.

— Diz-se que a fallencia do Banco Bingen, de Genova, fez perder ao Papa a quantia de 75:000 dollars (67:400$). O cardeal Gibbons entregára esta somma a Leão XIII como proveniente de uma subscripção feita entre os catholicos americanos, e Sua Santidade mandára-a depositar no Banco Bingen.

— A'cerca da execução do inglez Stokes no Congo, diz uma folha de Anvers, que de ha muito que os officiaes belgas sabiam que os mahdistas possuiam espingardas Winchester, ignorando, porém, quem era que as fornecia. Em um combate foram feridos alguns soldados e a extracção das balas não deixou a menor duvida que ellas pertenciam á espingarda Winchester. Interrogado um prisioneiro, este declarou que as espingardas eram fornecidas por um inglez que as transportava pelo Nilo. Ora, o inglez, que não era outro senão Stokes, foi julgado summariamente e condemnado a ser enforcado, o que se realisou, sendo-lhe confiscado o marfim, pelo qual permutára as armas e as munições.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O MUSCULO E A ELECTRICIDADE

Ernesto Solvay dizia: «O homem é um motor electrico», e fundou expressamente para o verificar o instituto que tem o seu nome.

Esta idéa faz incessantes progressos e o que se segue, recentemente publicado nos *Débats*, é uma prova concludente.

«Illuminar as lampadas de incandescencia, os tubos de Geissber com peixes que fazem de pilhas electricas, são experiencias que não podem considerar-se banaes. E' o que acaba de fazer M. d'Aesonval, não com o fim de fazer sortes de physica recreativa, mas com a intenção de illucidar certos problemas que interessam a attenção dos physiologistas. Todos tem ouvido fallar nos choques causados pelas tramelgas, quando querem defender-se dos inimigos. Aquelle que, por acaso, tem recebido a descarga d'um bobine de Ruhunkorff ou de um dynamo, sabe quanto em tal caso a sensação é desagradavel. Se a descarga é um pouco forte, a dôr é violenta, a perda dos sentidos sobrevem muita vez. Os musculos pódem ser contrahidos a ponto de largarem o obstaculo de que se apoderaram; ultimamente, um operario que estava sob a influencia d'uma descarga electrica queria largar os fios onde passava a corrente; estava como que pregado a esses fios e não podia soltar-se apesar de todos os seus esforços. Recordam-se da historia d'esse camponez na aldeia em que acabava de installar-se a electricidade para a illuminação. Uma corrente d'agua punha em movimento uma turbina que actuava em um dynamo. A corrente passava ao longo dos fios que ficavam á altura das casas. Era prohibido tocar nos fios.

«Que mal querem que me façam dois pequenos fios de cobre? teimava em dizer o nosso homem. Hei de tocar-lhes, aposto!» E tocou os dois ao mesmo tempo.

Recebeu a descarga, e de tal modo, que o viram gesticular como um boneco violentamente saccudido.

«Largue os fios!» lhe gritavam.

E não largava, porque não podia. A contracção era tal que apertava a ponto de cravar as unhas na carne.

O pobre homem transformado em boneco de sabugo pela corrente, não deixou de soffrer senão quando cahiu sem sentidos. O telephone deu aviso para a officina e interromperam a passagem da corrente. O imprudente ficou com as mãos queimadas, mas escapou. Jurou um pouco tarde que não cahiria n'outra.

Uma tramelga atordôa com as grandes descargas que produz, os animaes grandes, e mata os peixes pequenos. E' um facto conhecido.

M. Corte, professor no Collegio de França, tinha estabelecido em tempos um laboratorio em Concarneau. Este laboratorio quasi abandonado acaba de ser entregue ao collegio. M. d'Aesonval inaugurou-o novamente, estudando as descargas das tramelgas. M. Marcy tinha levado já muito longe os estudos sobre este ponto; mas, com apparelhos mais aperfeiçoados do que com os progressos technicos, M. de Aesonval poude, engenhoso successor de M. Brown Séquard, medir a grandeza das descargas e escreveu as suas variações successivas. Verificou, operando com tramelgas de 25 a 35 centimetros de diametro, que a duração média de uma descarga oscillava entre 1 decimo e meio de segundo. A descarga corresponde á de uma pilha electrica já forte, visto que a força electrica motriz variou entre 8 e 17 volts e a intensidade da corrente entre 1 e 7 ampéres.

M. d'Aesonval tomou uma pequena lampada de incandescencia, consumindo 4 volts e 1 ampére; reuniu-a por fios ao orgão electrico do peixe. Tocando no bordo das barbatanas do animal, esta lampada accendeu-se e foi levada ao rubro branco durante uma fracção de segundo.

Se se tocar com força, o animal augmenta a força da descarga e a lampada accende-se. Poderam grupar-se tres lampadas em attenção e leval-as ao rubro branco. E' certamente a primeira vez que as lampadas funccionam sob a influencia de uma tramelga. Quando a descarga é dirigida para uma pequena bobine de Ruhmkorff, pode-se fazer brilhar intensamente dois tubos de Geissler. O orgão electrico do peixe esgota-se depressa. Depois de quatro ou cinco descargas repetidas a seguir, as lampadas accendem-se cada vez com menos força. Depois de dez minutos de intervallo póde recomeçar-se a experiencia com o mesmo exito. O orgão electrico na tramelga é duplo. Se se utilisar a corrente de um orgão, o outro conserva intacta a sua energia e accende vivamente a lampada. Collocando um stethoscopio sobre o orgão electrico emquanto funcciona, ouve-se um som bastante grave, correspondente a 100 vibrações por segundo, o que mostra que o orgão é séde de vibrações, exactamente como o musculo durante a contracção voluntaria. M. d'Aesonval notou com o seu apparelho registrador as curvas traçadas durante a descarga, revelando as suas variações e grandeza.

A descarga não é continua, como tinha dito M. Marey; compõe-se de 6 a 10 descargas successivas, que se addiccionam no principio e se seguem com 1|100 de segundo de intervallo. A intensidade attinge o maximo depois da terceira descarga parcial e vae diminuindo até zero.

A curva assim traçada tem uma apparencia absolutamente similhante á da contracção muscular. A descarga do orgão da tramelga não será senão uma exaggeração da oscillação electrica que se nota no musculo no momento da contracção. Nós tambem, quando os nossos musculos funccionam somos pequenas tramelgas electricas!

Estas experiencias são muito interessantes e pódem esclarecer a fórma de energia que determinam os nossos movimentos musculares. A electricidade representa evidentemente um papel nas funcções do organismo, papel que está longe de ser conhecido, mas de que se começa a suspeitar desde que os physiologistas são menos ignorantes das leis que regem os phenomenos electricos.

Henrique Parville.

SECÇÃO AGRICOLA

VINHO BRANCO DE UVAS TINTAS

Um engenheiro francez, M. Paul, acaba de experimentar, com o mais satisfatorio resultado, o que até aqui se tem feito com maior ou menor difficuldade, isto é a fabricação de vinho branco com uvas tintas. Quando os vinhos brancos, entraram em moda em França, e que o consumo era portanto maior do que a producção natural, viticultores francezes, trataram de imitar o que de resto, desde tempos immemoraveis, se pratica em Champagne, onde os vinhos espumosos são feitos com uvas tintas, o *pineau*. A difficuldade, quando se tenham de empregar grandes quantidades de uva, consiste em obter uma proporção conveniente de mosto descorado, sem o que a operação não seria vantajosa. Se, com effeito, o vinho conserva uma tinta mais ou menos rosada, o que se pode ainda evitar enxofrando-o, o producto perde em todo o caso uma parte do seu valor, e não pode tão facilmente ser aceito pelo mercado.

O systema inventado e experimentado por M. Paul, consiste na clarificação do mosto, pelo kaolin e pelo negro animal, antes do começo da fermentação. O emprego do kaolin na clarificação dos vinhos feitos, é conhecido desde muito tempo. Sabe-se que o kaolin é a argilla chimicamente pura; comprehende se pois que esta substancia é completamente inoffensiva. Basta ter o cuidado de a lavar em agua, antes do seu emprego, para ter a certesa de que se junta ao vinho uma substancia completamente insoluvel e inatacavel pelo proprio vinho; a sua acção é pois puramente mecanica.

A experiencia de mr. Paul foi feita n'uma vazilha de 300 hectolitros, e do modo seguinte: Na vespera da operação o casco ou tonel, que deve, em todo o caso, poder fechar-se, é esterilisado, queimando mecha de enxofre: durante a noute destapa-se para poder sahir o acido sulfuroso em excesso, tornando-a a tapar na manhã seguinte.

Espremem-se as uvas até que o mosto comece a sahir rosado, e este mosto quasi incolor deita-se no casco. Na mesma occasião prepara-se, por uma simples lavagem em agua, o negro animal que depois de dissolvido se deita na vasilha na razão de 30 gr. de kaolin e 5 gr. de negro animal por cada hectolitro de mosto. Agita-se bem ou melhor ainda, por meio de uma bomba, depõe-se todo o liquido em movimento de baixo para cima e durante uma meia hora. Forma-se, passadas algumas horas, um deposito, sendo então preciso passar o mosto para um outro casco bem limpo e não méchado, não tardando em seguida a fermentação regular; o deposito que ficou é espremido dentro de saccos e posto a fermentar á parte.

O mosto assim clarificado, fica algumas vezes ligeiramente leitoso, mas está completamente descorado. E' esta uma experiencia muito simples, que os nossos assignantes poderão facilmente fazer.

F. d'Almeida e Brito.

*

CONSELHOS VITICOLAS

Os srs. Léon Joné, professor especial de agricultura, e E. Crouzel, pharmaceutico, preconisam no tratamento do *mildew* o emprego do cobre sob a fórma de tannato de cobre, o qual não tem como a calda preparada com a cal, o inconveniente de entupir os pulverisadores. O processo de preparação do tannato de cobre, muito simples e ao alcance de todos os viticultores, consiste em fazer ferver 20 kilogrammas de casca de carvalho ou 10 kilogrammas de casca de pinheiro das Landes, grosseiramente contundida em 50 litros de agua durante uma hora, tendo o cuidado de substituir, de quando em quando, a agua que se vae evaporando. Passado este tempo, deixa-se o liquido em repouso e depois decanta-se, juntando-lhe em seguida 1 kilogramma de sulfato de cobre, préviamente triturado ou solvido em dois ou tres litros de agua, tendo o cuidado de agitar para se obter uma mistura perfeita. Na occasião do emprego, que se faz do mesmo modo que para a calda bordeleza, dilue-se a mistura em 50 litros de agua. Este preparado tem sobre a calda bordeleza as vantagens seguintes:

1.° O tannato de cobre é tão leve e tão dividido, que não obstrue tão depressa os instrumentos;

2.° A acção d'este sal sobre o parenchyma das folhas mais novas e mais tenras é inapreciavel, que se póde explicar pela natureza de origem organica do acido tanico (tannino). Não deve por conseguinte embaraçar em coisa alguma as funcções das folhas, visto que, pelo desenvolvimento d'estas, a camada d'este sal gretase e fórma sobre a superficie pequenas ilhotas bastante aproximadas para impedir que o *mildew* se desenvolva, e sufficientemente distantes para deixar de obstruir um numero consideravel de estomas;

3.° As sulfatagens não carecem por conseguinte de serem repetidas tantas vezes, do que resulta economia de tempo e de producto;

4.° A calda tanno-cuprica introduzida no lagar pelas uvas tratadas não vae empobrecer os vinhos em tannino, como acontece com a calda bordeleza e as outras preparações cupricas contra o *mildew*, porque se o cobre não passa ao vinho, é porque é precipitado pelo tannino contido n'este. A introducção d'este producto no vinho não poderá portanto destruir a harmonia dos elementos, o que é uma vantagem de muito alcance. Convem observar que o tratamento pela calda tanno-cuprica é sómente *preventivo*, isto é, não cura a molestia, mas impede a sua propagação. Deverá ser effectuado em varios periodos: o primeiro, quando os novos rebentos tiverem 8 a 10 centimetros de comprimento; o segundo, logo depois da floração completa, e o terceiro em meiados de julho, augmentando-se meio kilogramma na dóse do sulfato de cobre. A calda tanno-cuprica, segundo o sr. Joné e Crouzel, conviria tambem para o tratamento do tomate, das batatas, e de outras plantas herbaceas. Com effeito, esta preparação não tem acção sobre as superficies particularmente sensiveis aos agentes chimicos.

SECÇÃO LITTERARIA

ESTA' NO CÉU

(A' MORTE DE UMA JOVEN)

(*Reproducção*)

I

Na alvorada da existencia
te conheci tão formosa,
como a pudibunda rosa,
que inda não sonha de amor!
—A's vezes via-te extatica,
á Virgem sagrada orando;
outras vezes contemplando
a mimosa e tenra flôr!—

Amando a suave musica,
tu, do piano, sabias
tirar essas harmonias,
que prendem os corações.
E tua voz, elevando-se,
enlevava os pensamentos
de tuas meigas cadências.

Como a rosa, pelo zephyro
brandamente bafejada,
se vê no ramo inclinada
da manhã ao puro alvor,
tu ás vezes, inclinando-te,
elevavas com respeito,
do mais intimo do peito,
uma prece ao Creador!

Se a pobreza triste e pallida,
se a velhice abandonada,
se a orphã desamparada
chorosa estendia a mão,
cobrindo o rosto de pérolas,
dos pobres te condoias
e, pressurosa, corrias
a levar-lhes logo o pão.

Com doces, com ternos osculos,
da mãe a dôr mitigavas.
E lacrimosa ficavas,
vendo-lhe o pranto correr!
—Sempre innocente e sympathica,
eras anjo de candura
e tão grande formosura
julguei da terra não ser!—

II

Mas da morte o sopro gélido
murchou-te, ó candida rosa!
Que sorte tão desditosa
tu tiveste, ó flôr gentil!
—Desditosa?!—Não!—Perturba-me
a dôr pela tua ausencia!
—E's feliz! A tua essencia
já gosa do eterno Abril!—

Eras, como pura lampada,
ardendo no sanctuario.
Do teu peito no sacrario
sempre a virtude morou!
—Deus só quer puros espiritos!
Por isso, ó pomba adorada,
para a celeste morada,
tão joven, Deus te chamou.—

Como um anjo innocentissimo,
tu voaste á immensidade,
deixando entregue á saudade
tua carinhosa mãe!
—Não te lembraste das lagrimas,
por esta ausencia sentida,
da tua mãe, tão querida,
e da irmãsinha tambem?!—

Por que tão cedo no tumulo
lançar-te a morte podéra,
quando a tua primavera
mais começava a florir?!
—Por que anhelavas os canticos
d'uma harmonia celeste,
assim tão cedo quizeste
á patria eterna subir?

III

Lá no céu, ó anjo, escuta-me
as minhas tristes endeixas;
minhas preces, minhas queixas,
que eu te elevo com meus ais!
—Lá no céu, pede ao Altissimo,
que Elle escute os meus clamores;
que minore minhas dôres
e as saudades de teus pais!—

Eleva a Deus uma supplica,
para minorar me a sorte
ou para me dar a morte,
que anhelo em tanto soffrer!
—Roga ao Senhor me dê animo
e, após a morte, a ventura
de lá na celeste altura
eternamente te vêr!—

RANGEL DE QUADROS.

COQUETTE

Vivia alegremente a condessita. Era rica, era bonita, estava lançada no mundo elegante, não tinha appetite que não satisfizesse, ideal que não realisasse, de fórma que a vida sorria-lhe como uma paysagem florida, onde as avesitas cantavam hymnos de felicidade e as brisas murmuravam os seus madrigaes amorosos. Era coquette a condessita, como todas as mulheres galantes; gostava de ser admirada, requestada, por essa turba de adoradores, que a rodeavam nos salões doirados das embaixadas, fitando-lhe, como famintos, os seus hombros nús, a sua boquinha de deusa, disputando um olhar d'aquelles seus olhos tão bellos, tão scintillantes, como se Deus a houvesse presenteado com as estrellas mais formosas das suas joalherias.

Coquette! coquette! era o nome que parecia segredarem os pardaes e as toutinegras, as lilazes e as rosas, quando ella ia por esses campos fóra, galopando no seu *Sultão*, acompanhada do seu estado maior de galanteadores, emquanto o conde, meio adormecido sobre uma poltrona confortavel, pensava nos seus milhões, na sua vida material e trabalhadora.

Coquette! coquette! era o grito que lhe esvoaçava aos ouvidos, como um hymno de guerra, que a arrastava ao paiz do ideal, á vida do prazer, em busca do imprevisto, do desconhecido... E nos lagos transparentes, onde as rosas miravam os seus toucados graciosos, no azul immaculado do céu da primavera, nos troncos das olaias floridas, nas verdes coberturas dos prados, na folha branca de cada lyrio, na aza doirada de cada borboleta, ella julgava vêr inscripta essa palavra alegre e estonteadora, que adoptára como sua devisa e trazia gravada entre os sorrisos provocantes dos seus labios traiçoeiros, como botões de flôres occultando, nas suas corollas, pequeninas gottas de veneno.

No meio de toda aquella multidão de vassallos que a requestava e por quem ella espalhava as graças dos seus thesouros, havia um, coração ingenuo, que começava a deixar-se prender nos olhos diamantinos da bella condessita, a sentir-se embriagado pelo perfume d'aquelles cabellos de oiro, a deixar-se arrastar na doce magia da sua voz delicada... Seguia-a incessantemente, constantemente, como um espião segue um criminoso, nos bailes, nos theatros, nos passeios, e do seu pensamento não se apagava nunca a imagem graciosa e tentadora d'aquella mulher, que lhe consagrára, uma vez, um olhar mais demorado, um aperto de mão mais fervoroso. E a condessita, essa creança louca para quem o amor era uma frivolidade, o ciume uma cousa importuna, os lances dramaticos d'uma paixão ardente, uma banalidade grotesca e ridicula, parecia preoccupar-se um pouco mais com aquelle apaixonado que lhe offerecia o coração e a vida, tremulo e febril, á espera de uma palavra d'amor.

Por um momento a condessita julgou poder amar, ella que nunca comprehendera o amor, com todo o seu egoismo senão como um personagem incommodo e burguez... Queria-o antes trução de praça, estouvado, alegre, espectaculoso, cheio de risos, de phantasias, de imprevistos... Amor que lhe sorria n'uma noite ao vibrar a primeira arcada d'uma valsa e acabava d'ahi a horas com a ultima marca do *cotillon*... Amor que a surprehendia entre os salgueiraes, n'um banquete festivo de praias, e voltava d'ahi a um anno, depois de ter hibernado todo esse intervallo... Amor, emfim, que lhe segredava aos ouvidos todo o diccionario do galanteio sem d'ella exigir mais do que ser contemplada, quando ella distribuia pela sua côrte de admiradores um sorriso dos seus labios, uma rosa do seu decote.

Um dia a condesssita achava-se só no seu gabinete. Os cortinados das janellas estavam corridos, de fórma que alli não podésse entrar um unico raio de sol, que andava lá por fóra queimando as rosas e as andorinhas...

Reclinada n'um pequenino sophá, ella, no seu isolamento, recapitulava as suas pequeninas aventuras... Sobre as mesas viviam algumas recordações de dias passados, os ramos de flores seccos, os albuns cheios de datas saudosas, os livros com paginas assignaladas. Porque, como diz Merimée, assim como lendo um tractado de medicina suppomos ter um symptoma de cada doença, assim tambem lendo um romance suppomos vêr em cada capitulo uma phase da nossa vida.

Rodeiava a condessita um mundo todo de preciosidades artisticas, as faianças raras, os crystaes transparentes, os bronzes, as taças de prata cinzellada, as gravuras celebres, os vasos de porcellana, com elegantes pinturas de Wateau, umas copias de Tintoretto e de Ticiano, um Rubens authentico, *bibelots* de todas as nacionalidades e de todos os tempos, emfim, um enorme *bric-a brac*, ao qual presidia a figura em bronze d'um satyro, que, do alto do fogão, lançava o seu olhar de lubricidade para o collo da condessita envolto na transparencia de finissimas rendas. Sósinha, sósinha... Sabia tão bem estar ás vezes completamente isolada, deixar-se adormecer sobre alguma d'aquellas cadeiras avelludadas... E cessando de agitar o seu leque de plumas, atravez do qual tanta vez segredára uma palavra de esperança, mentida, a coudessita cerrou as palpebras para se entregar aos sonhos azues do seu espirito frivolo de mulher!

Coquette! coquette! segredavam lhe na phantasia do seu somno tranquillo, uns diabinhos tentadores e provocantes, quando a porta do gabinete se abriu e o namorado da condessita veiu surprehendel-a, com os pequeninos pés descobertos sobre um tamborete de velludo, os braços nús, o collo desafivelado... Havia nos labios da boa condessita um sorriso de felicidade. Com que sonharia ella? E approximando-se de manso, certos de que apenas o espreitavam, aquella figura de bronze, sorrindo voluptuosamente, despertou-a com um beijo prolongado e ruidoso, de que o proprio satyro pareceu ter ciume.

Estavam sós, perfeitamente sós; d'esta vez escusariam de trocar a medo os seus beijos, de segredarem o seu amor... Seria sua, finalmente sua, pensava elle, enlaçando-a nos seus braços, acariciando-a, perdido loucamente... Ella amava-o tambem, muito, muito, suppunha. E pelas faces da bella condessita, rolaram duas lagrimas de receio, emquanto elle, com os olhos injectados de sangue, a voz tremula, lhe ouvia os juramentos, os seus protestos de amor, — de que nunca pertencera a nenhum outro homem.

E levantando-se, com violencia, sacudindo as mãos que lhe apertavam os braços, como algemas de ferro, accrescentou: E não serei tua... não serei tua tambem... Toda a sua physionomia se transformou, rapidamente, como se uma tempestade tivesse atravessado aquelle pequenino cerebro.

E olhando, triumphantemente, a sua victima que ella arrastára até alli, que havia pouco beijára julgando poder amar, ella abriu as portas do seu jardim, e fugiu resoluta cantarolando, indifferente, a ballada favorita das suas aventuras.

Coquette! coquette! cantavam as borboletas e as rosas vendo-a compôr no espelho dos lagos os seus cabellos loiros um pouco desgrenhados.

Carlos de Moura Cabral.

VARIEDADES

A PRECOCIDADE

Os exemplos de precocidade augmentam de anno para anno em uma proporção assustadora, pois que a estatistica, com o seu terrivel, porém eloquente, laconismo, mostra que a causa de muitas infelicidades que deploram as familias, deve attribuir-se á pressa que parecem ter em que as creanças se façam mulheres e homens antes do praso natural. Com razão, portanto, se preoccupam os publicistas e os governantes com o afan, cada vez maior que provam os paes por que seus filhos começam muito cedo os estudos e os terminem em pouco tempo. Enthusiasmam-se os paes pelas qualidades intellectuaes que desenvolvem seus filhos, pelo progresso que fazem em seus estudos, pela rapidez com que os terminam e encetam a carreira escolhida. Em nossos tempos tudo vae a correr. O vapor e a electricidade abreviam o espaço, mas a natureza segue importurbavel a sua marcha magestosa e as suas leis não se infringem impunemente. Os progressos que fazem as creanças são á custa de sacrificios que mais tarde se manifestam. A intelligencia desenvolve-se em detrimento do corpo. O periodo da infancia encurta-se e, quando a natureza pede expansão, jogos, alegria, apenas obtém sujeição, estudo e seriedade. As doenças convertem em tristes desenganos muitas esperanças. E' frequentissimo ver creanças e jovens cheias de achaques no melhor periodo da vida. Precoces em tudo, não a até na molhia.

*

A anemia é a doença reinante d'este fim de seculo. Se apenas fôra physica, ainda a sciencia poderia contribuir para enriquecer o sangue pobre e fortalecer os musculos debeis. Não succede, porém, o mesmo relativamente á energia moral, porque a anemia não é só a diminuição dos glóbulos vermelhos do sangue, mas o aniquilamento da vontade, da vontade o grande motor da machina humana. Sem duvida ha excepções. O geral, porém, na presente geração é não saber ou não poder querer. E o mais lamentavel é que, á medida que a energia diminue, augmentam os desejos e as ambições, filhas de uma imaginação exasperada. De modo que o desequilibrio entre o que se quer e o que se pode realisar, cava o abysmo e torna mais vertiginosa a queda. Vive-se mais depressa e chega-se ao fim prematuramente. Esperar aborrece e o mau humor predispõe a considerar as mais insignificantes contrariedades como insuperaveis obstaculos, o sentimento religioso falta e dormita no fundo da alma, esquece-se os deveres e defendem se com paixão os direitos. Esta lamentavel situação dos animos justifica os suicidios, inexplicaveis, tratando-se de jovens e até de creanças que se succedem com deploravel frequencia.

A estatistica affirma que, no anno de 1892, houve em França 36 suicidios menores de dezeseis annos e 475 no periodo dos dezeseis aos vinte. Felizmente, entre nós ainda se não attingiu tão horrorosa proporção. As estatisticas de todos os paizes mostram que a grande maioria dos suicidios se dão em individuos até aos 25 annos. São os inexperientes. Entregues a si proprios, pensam os jovens precoces que as illusões, os sonhos que acariciavam, devem realisar-se, e o primeiro obstaculo que encontram fal-os cahir no mais profundo desalento. Julgam-se os seres mais desgraçados da terra, accusam como auctores da sua desventura a sociedade, a Providencia, tudo menos a sua propria debilidade, a sua falta de energia, verdadeira causa da sua enfermidade. Em vez de luctar para realisar a missão que ao nascer lhes foi confiada, preferem pôr termo a um martyrio mais imaginario que real.

*

A familia, e muito especialmente as mães, pódem evitar que o mal augmente como succede e até conseguir extinguil-o. Muito frequente vêr os paes enthusiasmados pela precocidade de seus filhos. Não menos frequente que as creanças, os jovens, ao serem objecto de uma admiração especial, concebam, ainda que inconscientemente, illusões sobre os triumphos que os esperam no mundo. Como essas flôres que crescem e desabrocham rapidamente, a imaginação vôa quando o corpo mal se póde sustentar e este desequilibrio accentua-se, trazendo sempre consequencias deploraveis. Conservar a harmonia entre o corpo e a alma, deve ser o maior e o mais assiduo cuida-

do das mães. Ensinar seus filhos a soffrer com resignação, affeiçoal-os á modestia em tudo quanto se relaciona com o espirito, á sobriedade em quanto se relaciona com a materia, demonstrar-lhes que o amor e o trabalho são as grandes energias que produzem a vontade e convencel-os de que a vontade é na ordem physica e na ordem moral a vida sã e a vida fecunda, é o dever mais importante de uma mãe e o que maiores gosos póde proporcionar-lhe.

Esse o grande dever das mães, da mulher verdadeira. O filho que receber esta educação será agradecido, os sacrificios maternos inspirar-lhe-hão acrisolado amor e o que ama verdadeiramente sua mãe, jámais commette um crime. Cumpram as mães com os seus deveres, deixem os paes de se enlevar em precocidades fataes, acompanhem a natureza que a humanidade melhorará. De contrario, dia a dia iremos resvalando para um precipicio medonho.

NOTICIARIO

Conselheiro José Luciano.—Partio para a Figueira, onde conta demorar-se todo o mez de setembro, o nobre chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano, sua ex.ma esposa e filhas.

Dr. Castro Mattoso.—E' aqui esperado por toda a proxima semana, o nosso respeitavel amigo e illustre deputado da nação, sr. desembargador Castro Mattosa.

Dr. Barbosa de Magalhães.—Chega ámanhã a esta cidade, no comboyo da manhã, com sua ex.ma esposa e filhos, o illustre jurisconsulto e nosso querido amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Notas da carteira.—Regressou a esta cidade, completamente restabelecido, o nosso estimavel amigo, sr. dr. Bento Malva Rodrigues de Figueiredo, muito digno cirurgião mór de cavallaria n.º 10, entrando já em exercicio.

— Esteve na quarta-feira n'esta cidade o sr. dr. Antonio Rodrigues Pinto, conhecido e illustrado clinico da capital.

— Esteve aqui tambem o nosso amigo, sr. dr. Dionizio de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça.

— Fez hontem annos o sr. João Mendonça, a quem por isso felicitamos.

— Está em Agueda com sua esposa, o sr. dr. José Sampaio, administrador do concelho d'Anadia.

— No domingo ultimo chegaram á sua casa da Fontinha o distincto bacharelando em direito, sr. Pedro de Barboza e Bourbon e sua ex.ma irmã, filhos do sr. Francisco Barbosa do C. Sottomaior, illustre chefe do partido progressista de Estarreja.

— Já se acha completamente restabelecido da grave angina ulcerosa que soffreu, o menino Aurelio, filho mais velho do illustrado professor do lyceu d'esta cidade, o sr. dr. Marques Mano. Ainda, porém, não estava livre de perigo esta sympathica creança, ca[illegible] sem gravidade, o filhinho mais novo d'aquelle nosso amigo. Felizmente estão já ambos restabelecidos, pelo que felicitâmos cordealmente o sr. dr. Marques Mano. Foi seu medico assistente o nosso presado amigo e distincto facultativo d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz, a quem tambem felicitamos com sincero prazer.

Thermas e praias.—Regressou da praia do Pharol com sua ex.ma esposa, o sr. Luiz Antonio de Vasconcellos Dias, 2.º official da administração militar.

— Partiu para a mesma praia, com sua ex.ma familia, o sr. Augusto Candido de Souza Araujo, capitão de cavallaria n.º 10.

Administradar d'Estarreja.—Foi nomeado administrador do concelho d'Estarreja o sr. Jorge de Barros Lima do Rego Barreto, irmão do digno delegado do thesouro, sr. Luiz do Rego Barreto de Barros Lima, que aqui exerceu por muito tempo as funcções de inspector de matrizes.

Loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa.—Apesar do que alguns interessados dizem, a verdade é que a loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nunca teve tão larga procura como a está tendo, desde que é superiormente dirigida pela intelligente e proba direcção do sr. José Murinello. A este cavalheiro deve aquelle importante instituto de caridade o grande desenvolvimento que tem tido a loteria, e o credito em que se acha.

E' que funccionarios tão zelosos e tão probos como o que actualmente dirige o serviço, aliás importante, das loterias, difficilmente se encontram. Esta é a verdade, que importa dizer.

A «Zephir».—Recordam-se os nossos leitores da descripção que lhes fizemos da formosa chalupa que ha tempos entrou a nossa barra e de que é proprietario o conceituado commerciante da praça do Porto e nosso amigo, sr. David José de Pinho. O magnifico barco, que é sem contestação dos melhores que temos visto, foi agora á Figueira, e entrou alli impellido por um vento norte fortissimo. A bordo iam, além do seu proprietario, os srs. Valente Perfeito, tambem negociante portuense, e Brendão. Aguardava-os uma recepção brilhante. Grande numero de botes, cheios de rapazes, vestidos de differentes modos, senhoras, um vapor de reboque, e muitos socios da Assembléa Figueirense, os esperavam no caes, que se via apinhado de gente. Na occasião do desembarque, queimou-se muito fogo, e tocou uma philarmonica.

Os excursionistas foram depois acompanhados até casa do sr. Manuel Gonçalves Santiago, abastado proprietario, por um grande concurso de povo, vendo-se durante o trajecto as janellas dos predios apinhadas de senhoras. A recepção que tiveram os visitantes, foi verdadeiramente enthusiastica. Tanto o sr. Pinho, como os seus amigos, se hospedaram em casa do sr. Santiago, onde se achavam já o sr. Manuel Maria Amodor e sua filha, a sr.ª D. Adozinda Amador de Pinho.

A *Zephir* fundeou na doca, onde tem sido visitada por muitos amadores do *sport* maritimo.

Resolução acertada.—A camara municipal d'este concelho, em sessão de quarta-feira ultima, deliberou pôr em arrematação o consumo das carnes verdes, ainda no corrente anno, visto que os marchantes não quizeram fazer reducção no preço, reducção a que se haviam compromettido.

E' uma resolução acertada, que, tendo em vista beneficiar o concelho, não deixará tambem de levar maiores lucros ao municipio.

Collegio de S. Bento.—E' um dos bons estabelecimentos de instrucção no paiz. Habilmente dirigido pelo sr. Bento José da Costa, o conceituado collegio tem progredido immensamente, ao ponto de contar centenares de alumnos, que d'alli sahem completamente habilitados para os cursos superiores. E' longa a lista das approvações obtidas no corrente anno, e caso é esse para sinceras felicitações ao seu digno director.

Na secção competente, damos hoje um annuncio do reputado collegio portuense, e para elle chamamos a attenção dos nossos leitores.

Publicação interessante.—O sr. bispo conde vae publicar um desenvolvido e interessante relatorio ácerca das obras da restauração da Sé Velha. N'este documento será incluida a carta que a senhora D. Amelia dirigiu ha dias ao illustre prelado, enviando-lhe mais 1:200$000 réis para o proseguimento d'aquella magnifica obra, em que se acham já bem authenticados o talento e a educação artistica de alguns habilissimos canteiros, e do entalhador que está restaurando o primoroso retabulo da capella-mór.

Um importante serviço que o venerando prelado prestaria, era promover de qualquer modo a continuação das obras da egreja da Vera-Cruz, d'esta cidade.

Festividade transferida.—Por accordo entre a companha de pesca de S. Jacintho denominada *Maria do Nascimento*, que é este anno a directora da festa, por accordo entre os seus proprietarios e o digno prior da freguezia, a festividade de Nossa Senhora das Areias, que costumava celebrar-se em fins do mez de setembro, foi transferida para o primeiro domingo do mez de outubro.

Desamortisação.—No dia 14 de setembro proximo, vae á praça no ministerio da fazenda uma propriedade denominada Quinta das Freiras, situada na praça da villa de Estarreja, e pertencente ao supprimido convento d'Arouca. E no dia 21 do dito mez tambem vão á praça no governo civil d'este districto uma terra lavradia no Chão das Pedras, limite da freguezia d'Arada, e que foi de Luiz Engeitado, e mais duas porções de terreno abandonado junto á estrada districtal n. 102 de Lavariz a Aveiro, e sitos no concelho d'Aveiro; 15 porções de terrenos abandonados de diversas estradas districtaes no concelho da Feira; 6 porções de terrenos abandonados de estradas no concelho da Mealhada; e mais 3 porções de terrenos abandonados de estradas no concelho de Oliveira d'Azemeis.

A draga.—Já se está procedendo á sua montagem no estaleiro do Alboi, devendo estar completa dentro de 2 mezes.

Romeiros.—Passáram hontem n'esta cidade varios ranchos de romeiros, que vinham da antiga romagem da Senhora dos Banhos, na Bairrada, seguindo em barcos para as suas terras, no concelho d'Ovar.

Feira da Palhaça.—Realisou-se ante-hontem este importante mercado mensal, que esteve bastante concorrido, effectuando-se valiosas transacções, tanto em gados como em aves e diversos outros generos.

Chronica das praias.—Muita animação e movimento em Espinho, onde funcciona a *Assembleia*, onde tem reinado concertos e *soirées*.

— Na Barra está muita gente, mas ha pouca convivencia, como é costume alli. No entanto falla-se em improvisar-se uma *assembleia*, onde se reunam as familias que queiram *associar se* e fazer d'aquella praia um centro de sociebilidade igual ás suas congeneres.

Caça.—Ha muitas codornizes nos campos do Mondego, especialmente no Bolão e Recaxada, segundo nos affirmam de Coimbra.

Agricultura.—Escrevem de Agueda que alli se espera este anno uma abundante colheita de vinho e cereaes. Os campos apresentam um aspecto lindissimo e cheio de esperanças. Os vinhedos estão luxuriantes. Em consequencia d'isto, o milho tem baixado bastante em preço n'aquelle mercado, esperando-se maior baixa para as primeiras colheitas.

O vinho, que ainda ha pouco era vendido a 1$800 réis em casa do lavrador, tem descido a 1$300 e tende a baixar ainda mais.

— De Oliveira d'Azemeis communica n que os milhos das terras baixas e os vinhedos se desenvolvem com os ultimos calores; e, se para alguns milharaes veio já tarde, é certo que para outros representa um grande beneficio. O preço do milho baixou no ultimo mercado d'aquella villa, e espera-se que desça mais, porque o milho novo deve ir em breve ao mercado.

Cereaes.—Escrevem-nos de Beja que o preço camarario do trigo e cevada para o corrente anno economico é o seguinte: Trigo (decalitro), 435 réis; cevada (idem), 195.

— No concelho de Mertola foi regular a producção do centeio.

Bom é saber-se.—Calcula-se que a producção dos vinhos francezes será este anno apenas 50 ou 60 0|0, do que foi o anno possado. Além d'isso a qualidade é má, por causa das chuvas portinazes por alli cahidas durante o verão. Em Portugal o vinho deve ser bom, e as vindimas talvez se antecipem 3 semanas a 1 mez, em relação ao anno anterior.

Um reptil.—Dizem-nos de Mertola que uma mulher de Morianes acordou em uma das ultimas noites tendo um reptil a chupar-lhe no peito. O animal não poude ser morto.

Um heroe de 7 annos.—O caso passa se na Trafaria. Um collega de Lisboa, narrando-o diz:

«Uma creança muito sympathica e de extrema vivacidade, acaba de praticar uma acção tão grandiosa que bem merece ser devidamente recompensada. O pequeno heroe chama-se José, e é conhecido na Trafaria, onde reside, pela alcunha do *Rolim*. E' filho do maritimo José Guedelha e conta apenas 7 annos de edade. O pequeno José tem um irmão, de nome Agostinho, mais velho do que elle dois annos. Este ultimo rapasito achava se tomando banho com outras creanças da sua edade, quando a impetuosidade da corrente o afastou da praia, tentando debalde o pequeno Agostinho conservar-se á tona d'agua e estando prestes a submergir-se. Vendo a afflicção do irmão, o José lançou-se ao rio, afim de o salvar, o que conseguiu, sendo auxiliado por uns maritimos, que trouxeram os dois rapazes para terra sãos e salvos. E' digno do maior louvor um tão heroico acto, tanto mais por ser elle praticado por uma creança de tenros annos, em que se abriga o mais acrysolado amor fraternal.»

Outro accrescenta:

«E' perfeitamente exacto tudo quanto narra o correspondente do *Seculo*. O pequeno José Rolim, com perigo de vida, salvou o seu irmão Agostinho, mais velho que elle dois annos. José Rolim é um garotinho extremamente sympathico, de olhos muito vivos, tez morena, sorriso aberto, agil e esperto. Falla desembaraçadamente e nada como um peixe. Ao ver o irmão muito afflicto, atirou-se á agua e nadou para elle com quanta força tinha. Quando o ia alcançar, o irmão submergiu-se. José Rolim não desanimou; mergulhou, metteu-se por baixo do irmão e conseguiu, depois de muitos esforços, trazel-o á tona d'agua, onde os dois se conservaram, até chegarem os maritimos que os trouxeram para terra. Na Trafaria são todos concordes que, sem o auxilio de José Rolim, o Agostinho não se salvaria, por quaesquer soccorros serem tardios. O nosso collega Urbano de Castro, que está a banhos na Trafaria, apresentou o pequeno José Rolim ao sr. ministro do reino, quando elle almoçava no hotel Bragança. O sr. conselheiro João Franco affagou a creança, dirigindo-lhe palavras d'elogio pelo acto de valor que tinha praticado. Depois do pequeno sair, entregou cinco mil réis ao sr Urbano de Castro, para elle os dar ao José Rolim. O nosso collega tambem deu cinco mil réis ao pequenito. Consta-nos que o José Rolim vae ser agraciado com uma medalha.»

Esta é das que assentam bem n'aquelle peito de heroe.

Noticias d'Agueda.—Conta o nosso presado collega da *Soberania do Povo* que na quarta-feira ultima, de manhã, houve borborinho no bairro da Venda Nova. Já ha dias por alli se dizia á *bocca pequena*, que uns meliantes, fingindo-se mendigos, olharam muito para umas creancitas, affiançando-lhe logo que eram dos *taes*, dos que andam pelo mundo a roubar creanças para os estrangularem derretendo-as para oleo humano. Pois na quarta-feira os taes mendigos tiveram a desdita d'alli tornar a passar. Eia! com os demonios, aquillo é que foi! Das poucas habitações que por alli ha, sahiram mulheres armadas de pás e paus, incitando os homens e os filhos a que as acompanhassem a dar caça aos «roubadores de creanças». E o caso é que, se os desgraçados mendigos não dão ás de Villa Diogo, eram alli feitos em pedaços e derretidos pelas mulhersinhas. Ainda assim, foram corridos por essa estrada fóra até ás portas da Mourisca, voltando ellas depois, todas anchas, como que vencedoras d'uma grande campanha.

— Na terça-feira de manhã deram alli os sinos da egreja signal d'incendio. Um lavrador, que andava a cortar matto n'uma propriedade do sr. Manuel da Silva Teixeira, no alto d'Assequins, juntou uma porção de silvas, e, não vendo o perigo, lançou-lhes o fogo. D'ahi por pouco tempo era ver tudo em chammas—arvores de fructo, pinheiros, castanheiros e, videiras, sendo quasi impossivel poder-se atalhar. O fogo alastron-se medonhamente, e se não fosse a pericia d'algumas pessoas, mandando atalhal-o ao longe, os prejuizos seriam grandes. Ainda assim, os que houve, são calculados em perto de cem mil réis.

Despachos de fazenda.—Verificaram-se os seguintes:

Alfredo Augusto Santos Silva, 1.º verificador da alfandega de Lisboa, nomeado verificador da do Porto.

Arthur Boaventura Abranches Nogueira, 1.º aspirante da alfandega de Lisboa, nomeado, por concurso, 3.º verificador da alfandega do Porto.

Manuel de Jesus Rodrigues Pereira, 1.º aspirante da alfandega do Funchal, nomeado por concurso, 3.º verificador da mesma casa fiscal.

Guilherme Augusto de Freitas Oliveira, 1.º aspirante da alfandega de Lisboa, nomeado, por concurso, 3.º verificador da mesma casa fiscal.

Arthur Xavier Lopes da Silva, 3.º aspirante da alfandega do Porto, nomeado por concurso, 3.º verificador da mesma casa fiscal.

Rodrigo Alves Guerra Junior, 3.º aspirante da alfandega da Horta, promovido por antiguidade, ao logar de 2.º aspirante da mesma casa fiscal.

Carlos Alberto de Magalhães Marques da Costa, 3.º aspirante de alfandega do Porto, promovido, por concurso, ao logar de 2.º aspirante da mesma casa fiscal.

Francisco Birne Costa, nomeado, por concurso, 3.º aspirante da alfandega de Lisboa.

João da Cruz Viegas, idem.

Alvaro José Lopes da Silva, idem.

Augusto Soares Madureira, 3.º aspirante da alfandega do Porto, promovido, por antiguidade, ao logar de 2.º aspirante da mesma casa fiscal.

CARTA DA BATALHA

27 DE AGOSTO DE 1895.

A que ponto chegou a audacia e atrevimento, d'uns barbaros que vivem aqui com a convicção de serem superiores a tudo quanto existe!

Os ultimos acontecimentos, prova de horror, anarchia e vandalismo, foram agora succedidos pela scena mais assustadora e vergonhosa de que ha memoria, na historia immunda de tão baixos como indecorosos caracteres.

A professora d'esta villa, a sr.ª D. Emilia Carmo da Silva Teixeira, e seu marido o sr. José Fernandes Aragão, são as victimas d'este monstruoso attentado. Aquella intelligente senhora, que tanto na sua vida particular, como na sua larga carreira no magisterio primario, tem um comportamento exemplarissimo, foi hontem brutalmente accommettida, quando se achava na sua casa, e em pleno exercicio de suas funcções. O sr. Aragão, que possue a amizade de todos aquelles com quem tracta, pelas suas maneiras affaveis e prestimosos costumes, é juntamente com sua esposa barbaramente espancado!!!... Parece romantico, mas é realidade!!!...

Eram 10 horas da manhã, quando, o filho do director das obras publicas d'este districto, que é tenente de artilheria n.º 1, se dirigiu para casa dos aggredidos, onde devia praticar o acto mais covarde e repugnante que selvagem algum seria capaz de praticar.

Bate á porta e pergunta se estava em casa o sr. Aragão. Obtendo resposta affirmativa, sobe a escada e entra sala dentro, onde se encontravam as educandas d'aquella indefeza senhora, e procura a todo o transe a sua victima!... Apparece este pobre ancião, sem comtudo se precaver da cilada que se lhe preparava. Sem mais detença descarrega-se sobre o innocente um sem numero de bengaladas deixando-lhe o craneo verdadeiramente triturado!... A pobre senhora, estupefacta, e afflictissima em ver o seu pobre marido quasi cadaver, grita por soccorro!!!... E a féra que ainda não estava saciada com o sangue só d'uma victima, atira-se á pobre senhora, com o mesmo instrumento, fazendo-lhe graves ferimentos na cabeça, deixando um e outro, em lastimavel estado!...

Este procedimento encheu de panico toda a gente sensata d'esta villa, e o meritissimo juiz de direito da comarca, a quem fôra communicado o facto telegraphicamente, procedeu tres horas depois em casa dos feridos ao competente exame de corpo de delicto directo. Aguardamos a opportunidade e daremos promenores do monstruoso crime. E por agora lamentamos o estado despotico e anarchico em que se encontra esta misera terra, onde se ostenta uma infamante pleiade, que protestou exterminar todos aquelles que não apoiarem o seu sujo procedimento, e que se conheça não pertencer á nefasta politica regeneradora.

Z.

*

Quando terminavamos esta correspondencia, fomos surprehendidos com a noticia de terem sido esperados e covardemente espancados e feridos pelas 9 horas da noite, quando recolhiam á sua casa, o sr. juiz de paz, Victor dos Santos e sua esposa, que ficou gravemente ferida. Diz-se que os assassinos são empregados do convento e da repartição de fazenda!... A auctoridade administrativa dorme porque... os assassinos são regeneradores. Em outra correspondencia diremos o que soubermos com respeito a mais este covarde e repugnante attentado.

Z.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

285, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

José Antonio Pereira da Cruz e Jeronyma Pereira da Cruz, extremamente penhorados com todas as pessoas que se interessaram e procuravam saber do estado de saude da segunda signataria, durante a grave doença que a assaltou quando esteve em S. Pedro do Sul, vem por este meio, visto não o poderem fazer pessoalmente, testemunhar a todos a sua indelevel gratidão.

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

FORNECIMENTO DE LENHA PARA COMBUSTIVEL

A DIRECÇÃO da companhia do Papel do Prado recebe propostas em carta fechada, até ao dia 4 de setembro, para o forcimento de lenha para combustivel, para as fabricas de Valle Maior, Prado, Marianaia e Louzã, durante o anno de 1896, achando-se patentes no escriptorio, em Lisboa, e em cada uma das fabricas referidas, as condições do respectivo fornecimento. As propostas serão enviadas á direcção=rua dos Fanqueiros, 274, Lisboa, até ao dia indicado, e n'esse dia, pela 1 hora da tarde, serão as propostas abertas, na presença dos proponentes que compareçam ou de seus representantes, reservando a companhia o direito de não fazer a adjudicação não convindo o preço pedido ou o de abrir licitação entre os concorrentes.

Lisboa, 9 d'agosto de 1895.

Pela Companhia do Papel do Prado.
Os directores,
Antonio G. Vianna de Lemos
Delfim José Monteiro Guimarães.

TRICYCLE

VENDE-SE um solido e leve o quasi novo, por preço rasoavel. Carta a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

SAL

JOSÈ EDUARDO DE CASTRO, vende na sua marinha excellente sal velho a 7:500 réis cada moio.

MUDANÇA DE ESCRIPTORIO

O do sr. Dr. João Carlos Freire Themudo Rangel, no Porto, mudou-se para a rua de S. João Novo, n.º 9.

ARREMATAÇÃO

NO dia 29 de setembro proximo, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial da comarca, sito na Praça Municipal d'esta cidade, conforme o ordenado nos autos de execução de sentença no processo comminatorio em que são exequentes Miguel Ferreira d'Araujo Soares e mulher D. Carolina Augusta de Moraes Ferreira, proprietarios, d'esta cidade, e executado o bacharel Manuel Cabral de Moura Coutinho de Vilhena, viuvo, proprietario, de S. Silvestre, comarca de Coimbra, se ha de arrematar em hasta publica a prestação do facto, que consiste em remover as terras segundo a prumada da aresta leste da valla, desaffrontando a linha divisoria dada pela mesma aresta, cortando-se os ramos e raizes, bem como a terra, seguindo a mesma prumada, ou perpendicular, fazendo-se o córte n'uma rampa de 1 de base por 3 de altura, de forma que fique restabelecido o estado anterior dos resvalamentos do terreno e arbustos, para que a valla ou regueira dos exequentes fique desembaraçada e limpa entre o predio dos mesmos exequentes e o do executado, situados em Aradá, nos sitios denominados a *Quinta do Braz* e *Fonte do Lila*, tudo de harmonia com o que consta dos autos.

O arrematante tem de prestar caução por quantia equivalente ao preço da arrematação, e os trabalhos indicados devem realisar-se no proximo outono.

Aveiro, 28 de agosto de 1895.

Verifiquei.

O juiz de direito
Mello.

O escrivão do 4.º officio,
Leandro Augusto Pinto do Souto.

ARREMATAÇÃO

NO dia 16 de setembro, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, por deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados no inventario orphanologico a que pelo cartorio do 2.º officio se procede por obito de Bonifacia de Jesus, moradora que foi em Arada, vae á praça afim de ser arrematado por quem mais offerecer, o seguinte predio:

O dominio util d'um predio de casas, aido, e mais pertenças, no valor de 79$800 réis, e isto em Arada.

Pelo presente são citados quaesquer crédores incertos.

Aveiro, 24 de agosto de 1895.

Verifiquei—O juiz de direito,
Mello.

O escrivão,
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

LOTERIA

SEGUNDO o regulamento, os compradores de 10 bilhetes inteiros teem uma commissão de 3 °|°. Os cambistas e vendedores ambulantes teem uma commissão de 2 °|° quando comprem menos de 10 bilhetes inteiros.

Dos bilhetes não se poderão abrir cautelas superiores a 80 °|° das fracções originaes nem inferiores a 50 réis.

Como medida policial incumbida á Santa Casa as cautelas serão selladas com um carimbo especial, **carimbo que não garante o pagamento da cautela**, mas só indica que o bilhete não foi aberto em maior numero de cautelas do que aquellas que comportava.

Os bilhetes ficam depositados na Santa Casa, só até o dia de extracção, servindo á repartição do carimbo como documento que comprova a sua subdivisão.

O pagamento do premio maior effectua-se no proprio dia da extracção, e os outros premios nos dias seguintes.

O pagamento das cautelas premiadas é exclusivamente da responsabilidade do cambista emissor.

Lisboa, 25 d'abril de 1895.

O secretario,
José Murinello.

BOTE

VENDE-SE um muito veleiro, de excellente construcção e optimamente aparelhado. Quem o pretender dirija-se a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

VENDEM-SE

QUATRO moradas de casas no bairro João Affonso (antigo Rocio). Quem as pretender comprar, dirija-se á typographia d'este jornal, que aqui se dirá com quem se póde tractar.

COSTA NOVA DO PRADO

CARLOTA MARIA VIEIRA, participa aos seus freguezes que tenciona abrir o seu estabelecimento no proximo mez de setembro, como nos annos anteriores, fornecendo comida e quartos com a maior decencia e a preços convidativos.

CARIMBOS DE BORRACHA

FAZEM-SE NITIDOS E PERFEITOS

PREÇOS MODICOS

ENCOMMENDAS para as provincias, satisfazem-se na volta do correio e para esta cidade com 5 horas de demora. Com esta brevidade, qualquer pessoa que tenha de vir ao Porto, ainda mesmo que tenha de voltar no proprio dia, pode levar comsigo qualquer carimbo que deseje. Encommendas da provincia não se executam sem prévio pagamento ou responsavel n'esta cidade. Não se mandam amostras sem que mandem 50 réis em selles

FERREIRINHA & FILHO

130—Rua de Passos Manuel—132

Porto

GRANDES ARMAZENS DE MODAS

SOUSA BRAGA

24—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—30

PORTO

Acaba de receber de Paris todo o sortido de novidade para a estação de verão

Sedas de todas as qualidades para vestidos e guarnições.
Tecidos de lã e córtes para vestidos, alta phantasia.
Grande novidade em tecidos d'algodão para vestidos.
Grande novidade em tecidos lisos para vestidos.
O mais completo sortimento de confecções em renda de seda e em pannos para senhora, ultimos modelos dos principaes ateliers de Paris.

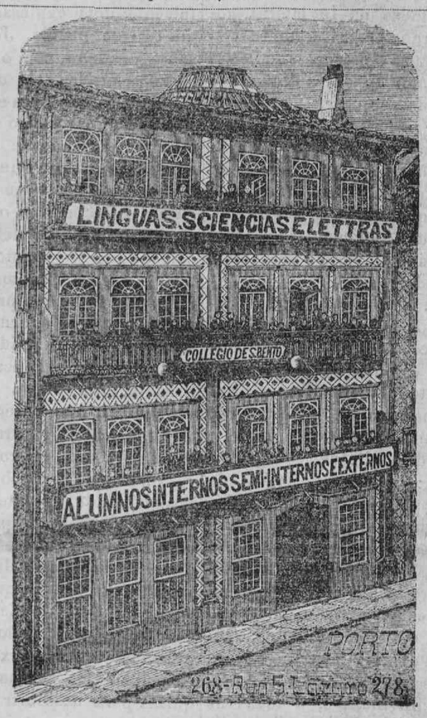
MELANGE

Tecido de lã muitissimo superior, em divesas côres, a 5$000 réis o córte de vestido com 7 metros.

Setim, novidade da estação, côres variadas e lindissimas, a 5$500 réis o córte de vestido.

(Estes tecidos são recommendaveis pela sua superioridade e pela muita novidade que offerecem).

Beije e diagonal de lã de todas as côres, a 4$000 réis o córte de vestido.
Voiles de lã estampados da mais fina qualidade, a 450 réis o metro.
Grande sortimento e grande variedade de tecidos em côres claras.
Lindissima collecção de marquesinhas, verdadeira novidade.



FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

SELLOS DE CORREIO

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, novo, bom exemplar, original, com gomma, pago réis 100$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382.—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, ditto ao (frasco de 100 grammas), iodo do formado, ... salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco ... de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brom... camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—laciato de ferro, sulphato d... nino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypospho sphitos.—Grangêa de semen-con...—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arsenia de ferro, arseniato de soda, arseniato de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—LAS Bland, Blancard, Wallet, dit as de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos co... inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, ... carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e bor... carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de ... rand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com ... santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 00. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ ... nulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOCTINE branca ou rosa, caixas ... delo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, baratеza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.